



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

SENILSON FERNANDES DE MORAIS

**VALE DO AMANHECER: UMA NOVA EXPRESSÃO RELIGIOSA
EM SANTA RITA/PB**

João Pessoa
2016

SENILSON FERNANDES DE MORAIS

**VALE DO AMANHECER: UMA NOVA EXPRESSÃO RELIGIOSA
EM SANTA RITA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências das Religiões, orientado pela Prof^a. Dr^a. Dilaine Soares Sampaio.

João Pessoa
2016

M827v Morais, Senilson Fernandes de.

Vale do Amanhecer: uma nova expressão religiosa em Santa Rita/PB / Senilson Fernandes de Morais. – João Pessoa: UFPB, 2016.

54f. ; il.

Orientadora: Dilaine Soares Sampaio
Monografia (graduação em Ciências das Religiões - licenciatura)
– UFPB/CE

1. Vale do Amanhecer.
2. Novas expressões religiosas.
3. Processos de hibridação. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 29(043.2)

SENILSON FERNANDES DE MORAIS

VALE DO AMANHECER: UMA NOVA EXPRESSÃO RELIGIOSA

EM SANTA RITA/PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
da Paraíba em cumprimento às
exigências para obtenção do grau de
Licenciatura em Ciências das
Religiões, orientado pela Profª. Drª.
Dilaine Soares Sampaio.

Aprovado em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Dilaine Soares Sampaio (UFPB)
Presidente

Profª. Dra. Fernanda Lemos (UFPB)
Membro interno

Profª Ms. Wellida Karla Bezerra Alvez Vieira
Membro externo

João Pessoa
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo a Deus, pois foram muitos conflitos comigo mesmo, angústias cognitivas, sobre dogmatismo, doutrina, entres outros embates acerca da minha profissão de fé, que no final resultou em fortalecimento e convicção do que acredito e na afirmação da ideologia que sempre foi minha identidade. À Deus minha eterna gratidão por ter permitido que eu chegasse até o final de mais um ciclo em minha vida que é a conclusão da minha graduação.

Aos meus pais, Sildo Alves de Moraes e Orlanda Cristina Fernandes de Moraes, pois sem eles eu não seria o que sou hoje, eles são minha base de sustentação, um amor incondicional, todo o esforço que eles fizeram em toda sua vida para dar uma vida digna a mim e meus irmãos, muitas lutas passamos, choro e vitórias. Tudo valeu a pena termos passado, tiramos lições de tudo.

A minha esposa Agnise Martins Pereira Fernandes de Moraes, sem ela não seria possível chegar até aqui, foi através dela que conheci o curso, sempre me dando força para continuar, uma guerreira, companheira e amiga. Obrigado por tudo.

Aos meus irmãos, Sildo Alves de Moraes Júnior, Sidney Fernandes de Moraes e Sildeny Fernandes de Moraes, amo muito vocês, em toda trajetória da minha vida vocês estiveram junto, de forma direta e indireta contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Aos meus amigos de turma, que sempre estiveram comigo, todos esses anos, na formação de grupo para trabalhos, seminários e etc. vocês foram importantes na caminhada desde o início, lembrando-me das datas de entrega de trabalho e nas minhas ausências passavam o que havia ocorrido na aula.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a Dilaine Sampaio, que de última hora, depois de muitas indecisões minha, foi muito solícita em aceitar meu convite e me orientar, sempre disposta e mostrando o melhor caminho para a elaboração deste trabalho.

Aos funcionários da coordenação, em especial Felipe, a coordenação do Curso.

Aos demais professores que contribuíram demasiadamente no meu aprendizado durante todo o curso.

A todos vocês citados meus sinceros agradecimentos, um sonho não se constrói sozinho, vocês foram importantes em cada etapa e momentos específicos para a realização deste sonho.

"O Homem que tentar fugir de sua meta cármica
ou juras transcendentais, será devorado ou se perderá
como um pássaro que tenta voar na escuridão da noite!"
(Pai Seta Branca)

RESUMO

Estudaremos nesse trabalho a religião *Vale do Amanhecer* na cidade de Santa Rita - PB. Começaremos problematizando a nomenclatura mais apropriada para a categorização da mesma no âmbito das classificações religiosas, pois a maioria dos teóricos, como Silas Guerriero (2006) que utilizamos nesta ocasião, designa essa religião como pertencente ao bloco dos NMR (Novos Movimentos Religiosos). Assim, faremos uma reflexão sobre os termos *Novos* e *Religiosos* bem como sobre o uso da palavra *expressões* em substituição à palavra *movimentos*. Buscaremos compreender o conceito de hibridismo e processos de hibridação segundo Néstor Garcia Canclini (2015), necessários ao nosso estudo, pois é perceptível a adoção de símbolos, conceitos e doutrinas de várias matrizes religiosas na formação do Vale do Amanhecer. O Vale é uma religião nascida no Brasil na década de 60, e no segundo momento do trabalho recorreremos a Ana Lúcia Galinkin (2008) e demais autores para remontar seu percurso histórico, destacando sua organização, surgimento, fundadores, desenvolvimento e sua importância. Por fim iremos expor a história do Vale do Amanhecer na cidade de Santa Rita - PB e a coleta de informações resultantes das nossas entrevistas com o presidente local e com alguns membros dessa religião na cidade pesquisada, ressaltando questões como pertencimento, mudança de vida, sentimento religioso, intolerância religiosa e relevância para a Comunidade.

Palavras-chave: Vale do Amanhecer. Novas Expressões Religiosas. Processos de hibridação.

ABSTRACT

In this paper, we will study the *Vale do Amanhecer* religion, in Santa Rita city - PB. We will start problematizing the most appropriate nomenclature for the categorization of it in the context of religious classifications, because most theorists as Silas Guerriero (2006), that we use on this occasion, means that religion as belonging to the block of NRM (New Religious Movements). Thus, we will make a reflection on the New and Religious terms as well as the use of the word *expressions* to replace word *movements*. We will seek to understand the concept of hybridity and hybridization procedures under Néstor Garcia Canclini (2015), needed to our study, because it is noticeable the adoption of symbols, concepts and doctrines of various religious headquarters in the formation of Sunrise Valley. The Valley is a religion born in Brazil in the 60s, and in the second stage of labor resorted to Ana Lucia Galinkin (2008) and other authors to reassemble its historic route, highlighting its organization, emergence, founding, development and its importance. Finally we will explain the history of Sunrise Valley in Santa Rita - PB and the collection of information resulting from our interviews with the local president and some members of this religion in the studied city, highlighting issues such as belonging, change of life, feeling religious, religious intolerance and relevance to the Community.

Keywords: Vale do Amanhecer. New Religious Expressions, Hybridization process.

Lista de Ilustrações

Ilustração 01	35
Ilustração 02	37
Ilustração 03	39
Ilustração 04	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. NOVAS EXPRESSÕES RELIGIOSAS	11
1.1 Novos Movimentos Religiosos ou Novas Expressões Religiosas: problematizando os termos.....	12
1.2 Hibridismo Religioso	15
2. O VALE DO AMANHECER	18
2.1 Percurso histórico e fundadores.....	19
2.2 Cosm visão do Vale do Amanhecer: uma visão panorâmica da doutrina.....	24
3. O VALE DO AMANHECER NA CIDADE DE SANTA RITA.....	35
3.1 A chegada na cidade e seus fundadores.....	37
3.2 Relevância e perspectivas na comunidade local.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52

Introdução

A presença do Vale do Amanhecer na cidade de Santa Rita - PB é o nosso objeto de estudo nesse trabalho. O Vale é uma religião nascida no Brasil, não é uma religião tão tradicional como as mais conhecidas, não fazendo parte do bloco das grandes religiões do mundo. Ele é classificado pela maioria dos teóricos como pertencente ao bloco das religiões que compõem os Novos Movimentos Religiosos (NMR).

De um modo geral analisaremos a presença do Vale do Amanhecer na referida cidade, sua organização, surgimento, fundadores, e sua importância para a comunidade. Mais especificamente apresentaremos o conceito de “Novos Movimentos Religiosos” encontrado em Silas Guerriero (2006), e de “Novas Expressões Religiosas”, problematizando os termos dessa classificação e observando se é possível usar o termo ‘expressões’ para denominar melhor a questão religiosa que está sendo abordada, como também observaremos o conceito de religiosidade popular usando autores como Marta Abreu (2002) e Rubem Cesar Fernandes (1984) e a partir desses conceitos percorremos a ponte trilhada por Amurabi de Oliveira (2009) que enquadra o Vale do Amanhecer como uma religião pertencente a *New Age Popular*. Vamos entender o conceito de hibridismo e processos de hibridação, que se tornam necessários ao nosso estudo do Vale do Amanhecer (VDA), pois é notadamente perceptível sua adoção à diversos símbolos, conceitos e doutrinas de várias matrizes religiosas e, nesse aspecto, destacaremos os estudos de Néstor Garcia Canclini (2015). Vamos ainda citar a cosmovisão da doutrina do Vale segundo Ana Lúcia Galinkin (2008) e Amurabi de Oliveira (2009), e por fim expor a coleta de informações resultantes da nossa pesquisa de campo que se realizou através de observações nas visitas aos cultos e em entrevistas realizadas com o seu presidente e com alguns de seus adeptos.

Nas entrevistas que realizamos apenas identificamos o nome do presidente do Vale do Amanhecer da cidade, as outras entrevistas foram anônimas para que as pessoas se sentissem mais a vontade ao expor seus sentimentos, por essa razão em nossas referências ao final do trabalho aparece apenas a identificação de seu presidente.

O tema a ser estudado surgiu da necessidade de observar o crescimento do Vale do Amanhecer na cidade em que resido, que é o município de Santa Rita - PB, uma vez que por ser uma religião nova e pouco conhecida na cidade, seus adeptos são vítimas de intolerância, o que resulta na maioria das vezes, numa atitude de receio e ocultação da pertença religiosa de seus adeptos para não sofrer represália. Este trabalho tem como

finalidade trazer mais conhecimento sobre esta religião, promovendo o respeito à diversidade cultural e religiosa e o combate à intolerância, aproveitando o acesso que temos ao líder fundador na cidade de Santa Rita. Para obter as informações necessárias ao desenvolvimento deste estudo, fomos conhecer *in loco* a organização e a relevância que desempenha em sua comunidade.

O Vale é uma religião que se enquadra, dentro da classificação do Censo, nas religiosidades espiritualistas e mesmo com um crescimento de adeptos em todo o Brasil, não se tem informações sobre ela nas últimas pesquisas do IBGE em 2010, o que é um desfalque para a construção de nosso estudo. Relataremos sobre isso as observações de Clara Mafra (2014) e de Faustino Teixeira (2013) que apresentam críticas à falta de dados e à forma como o senso realiza tal pesquisa.

Pretendemos através do resultado desse trabalho expor as principais dificuldades que os adeptos do Vale do Amanhecer, na cidade de Santa Rita, sentem e também expor a relevância da religiosidade para a vida dos mesmos, construindo uma ponte de esclarecimento para as pessoas desinformadas sobre a religiosidade dessas pessoas, para promover o respeito à diversidade religiosa.

1. NOVAS EXPRESSÕES RELIGIOSAS

O cenário religioso brasileiro contemporâneo tem se mostrado cada vez mais plural. Ao estudar Ciências das Religiões, dentre as muitas oportunidades que se apresentam, temos de observar mais de perto as Novas Expressões Religiosas existentes e como elas se constroem em seus processos de hibridação, configurando novas doutrinas e ritos e conquistando o seu espaço na devoção dos indivíduos.

A religião que estudamos neste trabalho, o Vale do Amanhecer (VDA), se encaixa nessa perspectiva de ser uma nova expressão ou movimento religioso, vamos problematizar o tema mais adiante, porém cabe destacar também que mesmo tendo uma grande diversidade de novas religiões emergentes, existe certa dificuldade em contabilizá-las e observar seu desenvolvimento e o trânsito que acontece entre elas em relação à outras religiões, ou mesmo a dupla pertença, e um instrumento que poderia ajudar aos pesquisadores a obter mais dados poderia ser o Censo que é realizado em nosso país a cada dez anos.

No Censo 2010 no que se refere à coleta de dados sobre a religião dos indivíduos entrevistados, foram respondidos mais de 15 mil nomes diferentes de religiões as quais os indivíduos teriam pertencimento, isso devido ao fato de a pessoa poder responder livremente a qual religião ou culto participa, depois essas respostas foram encaixadas em categorias, como nos diz em seu artigo *Números e narrativas* a autora Clara Mafra (2014).

Quando pensamos nas Novas Expressões ou Novos Movimentos Religiosos podemos supor que eles podem estar sendo prejudicados nessa coleta, pois percebemos que há um aumento na diversidade dos grupos religiosos em nosso país, é só olhar para os 15 mil nomes diferentes de religiões como já citamos, e sobre o crescimento dessa diversidade o próprio IBGE em *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência* nos diz:

“Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil, revelando uma maior pluralidade nas áreas mais urbanizadas e populosas do País (...). Os dados censitários indicam também o aumento do total de pessoas que professam a (...) outras religiosidades.” (IBGE, 2010 p. 90)

Muitos estudiosos questionam a forma como os dados do Censo sobre a questão que estamos estudando, a religião, são coletados. Mafra (2014) propõe que seja

investido em teorias mais arrojadas na abordagem dos números e que os especialistas em religião possam ter acesso aos números brutos coletados pelo censo para assim poderem trabalhar melhor, pois o acesso à informação é limitado apenas aos resultados já enquadrados nas classificações feitas pelo próprio Censo.

Faustino Teixeira (2013) também faz críticas aos resultados não satisfatórios que são obtidos no Censo, ele afirma que o Censo nos possibilita uma ‘imagem do Brasil’ a cada dez anos, como se fosse apenas uma fotografia, e deixa fugir o que ele chama de ‘movimentos finos’ que envolvem a presença e a circulação das religiões, por isso se faz importante uma exploração mais qualificada para agregar mais dados para a análise ficar mais próxima da realidade.

Segundo o site oficial¹ do Vale do Amanhecer temos notícia da existência de 685 templos espalhados por todo Brasil e 09 no exterior, e embora não tenhamos o número total ou aproximado de adeptos pertencentes ao Vale, mesmo com toda a sua discrição² ele tem crescido e ganhado participantes nos últimos anos, como temos visto de perto o exemplo em nosso Estado da Paraíba, que possui atualmente a presença do Vale em 14 cidades com um total de 16 Templos.

O Vale do Amanhecer é uma religião que se denomina espiritualista cristã, logo podemos concluir que os seus adeptos certamente deverão ter sido contabilizados dentro dessa classificação que tem por nomenclatura *espiritualista* que temos no quadro de religiões do último Censo.

1.1 Novos Movimentos Religiosos ou Novas Expressões Religiosas: problematizando os termos.

Para tratar deste assunto temos recorrido a Silas Guerriero (2006) que nos trará características dos Novos Movimentos Religiosos em nosso país, e sobre Novas Espiritualidades, em meio a um universo de diversidades que vai desde práticas de grupos organizados até uma espiritualidade mais difusa e de auto-ajuda.

Antes de destacar as considerações do autor sobre a problemática que envolve a palavra ‘Novos’ e a palavra ‘Religiosos’, poderíamos começar por levantar uma outra

¹ Disponível em: www.valedoamanhecer.com

² O que temos estudado nos permite supor que o Vale é uma religião discreta, pois não faz proselitismo ou evangelização, não vai em busca de fiéis, nem se utiliza de meios de comunicação de massa como TV, jornal ou rádio, como faz a grande maioria das religiões cristãs.

questão, que é a da escolha do melhor termo para qualificar o diferencial dessa religiosidade que está sendo proposta como contraponto às religiosidades tradicionais, ou seja, se ela seria um ‘movimento’ ou se ela seria uma ‘expressão’, este mesmo autor Silas Guerriero (2006) nos dá algumas informações que nos geram inquietações quando nos diz acerca de algumas características dessa nova religiosidade:

“...caracteriza-se por ser uma experiência pessoal, individualista. Os grupos não possuem uma forma rígida ou permanente. Trata-se, mais, de uma religião espiritual, em que a transformação do mundo se dá por meio de uma experiência formal e interior. Essa experiência é a expressão verdadeira de uma consciência religiosa universal baseada no fundamento divino. Por valorizar a experiência pessoal, admite diferentes formas exteriores de atingir a verdade última. Não pretende mudar o mundo, mas sim o interior de cada indivíduo.(2006, p.32)

Essa definição pode nos fazer refletir sobre a possibilidade de adotar uma proposta mais sublime, que traduza mais fielmente as intenções do fenômeno, de que essa religiosidade pode sim ser caracterizada como uma nova *expressão* religiosa, pois quando o autor fala em experiência pessoal interior, quando fala em consciência religiosa universal, em diferentes formas exteriores de atingir a verdade, e que o objetivo é propor uma mudança de dentro para fora, ou seja, do interior em direção ao exterior, pensando em todas essas situações podemos perceber que a palavra *expressão* se encaixa muito bem ao conceito explicativo dessa religiosidade emergente. Esta é uma reflexão que merece atenção e precisa ser desenvolvida posteriormente, então vamos nesse momento utilizar as análises mais usuais da academia.

Nas Ciências Sociais das Religiões têm-se reflexões sobre a problemática de se ter um conceito sobre NMR (Novos Movimentos Religiosos), e Silas Guerriero (2006) nos destaca como exemplo a ideia da definição do que seria a Nova Era, que ao nosso entender pode ser explicada como uma espiritualidade alternativa, ou pode ser explicada de outra maneira, como uma Era que faz parte de algo que é ‘novo’, e inclusive essa definição pode não ter um sentido total, da mesma maneira que o conceito de Novos Movimentos Religiosos também pode não ter um sentido completo, afinal, se assim foi dada essa nomenclatura de “Novo”, pode-se pensar que deve ser novo ou nova em relação a algo que já exista, pode-se estar falando sobre a questão tempo, ou sobre a questão religião. Esses conceitos muitas vezes podem estar ligados também a ideia de seita, que geralmente é combatida pelas outras religiões. E ainda há a ideia de ser algo que foge à religião tradicional, ao ponto inclusive de na Europa muitos desses novos movimentos religiosos serem considerados ilegais e até sofrerem perseguições. Fato

esse que é um pouco diferente no Brasil, onde em tese há uma melhor convivência com as diversidades devido ao nosso contexto histórico de vivências múltiplas, aqui em nosso país existe uma aceitação melhor ao novo por parte da população.

Guerriero (2006) também irá destacar que a explosão desses novos movimentos religiosos começou a partir da década de 1960, e no Brasil mais fortemente na década de 1970, e que a realidade dos fatos não se enquadrava nos conceitos já existentes para os NMR. Ele tenta nos explicar o que aconteceu ressaltando que a maioria das Novas Religiões (NR) apresenta religiões antigas a uma nova audiência se enquadrando num contexto novo. Acompanhando esse raciocínio podemos pensar que essas novas religiões passaram por um processo de hibridação, o qual explicaremos mais adiante. Então, a nova religião parecerá mais ser “nova” para o adepto, do que nova em si mesma, e nela o indivíduo tem mais autonomia e vive uma religiosidade mais subjetiva, nesse aspecto uma questão fundamental a ser colocada poderia ser então sobre o que é ou não religião.

Então pensando nessa nova questão importante, que é sobre a definição de Religião e de Espiritualidade, Guerriero coloca a religião como um sistema simbólico e de concepções, como um grupo organizado eclesiasticamente falando, mas que também por outro lado pode ser uma vivência terapêutica que cultua corpo-mente-espírito. É importante dizer ainda que religião pode também se manifestar como uma espiritualidade. E as Novas Espiritualidades podem abranger todos os grupos, redes, sistemas, que acreditem numa ordem de existência das coisas, e que leva seus adeptos a serem motivados a seguirem seus preceitos. A espiritualidade aponta para a individualidade enquanto a religião aponta para a coletividade, para o campo institucional.

Tratando de uma possível classificação dos NMR, Silas Guerriero coloca num primeiro ponto os novos grupos surgidos a partir das religiões cristãs como, por exemplo: Adventistas, Mórmons, Testemunhas de Jeová, entre outros, que são grupos fechados onde os membros não participam de Novas Espiritualidades. No segundo ponto temos as novas Religiões, originadas no oriente: Soka Gakai, Igreja Messiânica, Mahikari, Johei, entre outras, que possuem uma postura de pertencimento mais aberta. No terceiro ponto temos os movimentos religiosos externos às grandes religiões como: Santo Daime, Barquinha, Vale do Amanhecer, LBV, Fé Bahai, entre outras, que são grupos mais ecléticos que por vezes também resgatam tradições antigas. No quarto ponto o autor nos diz que temos as Novas Espiritualidades, que são grupos diversos,

como: Rosa Cruz, Wicca, Neodruidismo, Fraternidade Branca, dentre outras, que possuem uma estrutura frouxa e tem ênfase ocultista, essas são práticas denominadas de Nova Era (2012, p.124).

Uma questão também importante a que o autor nos chama a atenção é para a ‘revolução espiritual’, que ocorre no âmbito cultural, não no religioso especificamente, até as religiões mais tradicionais passam por transformações que acompanham a cultura, e no caso específico da Nova Era houve inclusive transformações que acompanharam até a moda dos anos 1990. Outro fator de destaque está nos livros auto-ajuda que fazem bastante sucesso na atualidade, e são vivências diversificadas.

O ponto chave entre tantas experiências ‘novas’ sejam religiosas, sejam espirituais, ou culturais, está na tríade mente-corpo-espírito, é a busca pelo equilíbrio saudável entre eles, que são vistos nesse novo momento como um todo, e não mais como opostos, mas sim como complementares, e isso leva as pessoas a buscarem não mais uma religião, mas uma nova religião, que pode se traduzir numa espiritualidade subjetiva.

1.2 Hibridismo Religioso

Essas novas expressões religiosas, como já dissemos, se fazem novas mais aos seus adeptos do que em si mesmas, e podemos constatar que elas passaram por um processo de hibridação até chegarem a ser o que são hoje. Começando então por explicar sobre o termo ‘hibridação’, que é relativamente novo quando pensamos nos estudos de diversas áreas como a cultura, religião, música, arquitetura ou qualquer outra área em que o conceito se aplique, vemos que ele já foi usado por vários estudiosos dessas áreas em específico, porém, por ser originário da área da biologia, é preciso ter cuidado para que não haja uma interpretação errada ou mesmo haja algumas perdas de significado.

Para melhor nos esclarecer sobre o uso desse conceito recorreremos ao autor Néstor Garcia Canclini, que muito valoriza o uso do termo ‘hibridação’ nos explicando uma nova proposta que pode ser substitutiva para o termo ‘sincretismo’, pois este último termo na grande maioria das vezes é utilizado ou entendido de forma pejorativa, o que prejudica algumas explicações. Então este autor nos traz desde o princípio de sua obra o entendimento de hibridação como sendo o resultado de processos socioculturais

onde estruturas ou práticas discretas que já existiam de forma separada, se combinam e geram novas estruturas, novos objetos, novas práticas (CANCLINI, 2015, p. XIX).

É preciso atentar para o que não queremos usar como representante do uso do termo ‘hibridação’, que é quando ele é associado a resultados de esterilidade, como é o caso do processo de cruzamento de animais de espécies diferentes que geram outro animal sendo este infecundo, como é o exemplo da mula. É fato que existe essa associação, mas ao refletir sobre a grandeza do significado da palavra corre-se o risco de usá-la acreditando que existem bem mais exemplos que são positivos para este uso.

Canclini (2015) nos leva a pensar em exemplos bem sucedidos de hibridação nos levando ao campo da botânica, onde encontramos plantas que tiveram suas células melhoradas através de um processo de hibridação e seu desenvolvimento ocorreu decorrente disso com uma maior qualidade e resistência às mais diversas mudanças. Partindo desse exemplo chega-se ao entendimento que a palavra ‘hibridação’ nos garante um amplo poder explicativo e uma maior consistência teórica para expor processos pelos quais passaram algumas culturas e suas religiosidades, que é o sentido que mais nos interessa nesse momento, e nesse caso das mudanças socioculturais, na grande maioria das vezes as mudanças não foram planejadas, elas podem ocorrer por motivos distintos, desde um processo migratório ou até mesmo turístico, mas o fato é que ocorrem e podemos observá-las.

O autor nos chama atenção para a questão da reconversão e da identidade quando começamos a constatar os processos de hibridação, a reconversão acontece quando há um processo de transformação cultural e seu resultado é inserido novamente na cultura, e isso começa a questionar a sua identidade primeira, pois agora ela não seria mais pura, se é que realmente um dia ela foi, mas o fato é que agora ela passou por uma reestruturação, e cada vez mais todas as culturas estão caminhando nessa direção por fazerem parte de um mundo cada dia mais interconectado (CANCLINI, 2015 p. XX).

Neste trabalho utilizaremos a palavra ‘hibridação’ no contexto dos processos pelos quais as Novas Expressões Religiosas se formaram, incluindo a religiosidade da qual trataremos mais especificamente que é o Vale do Amanhecer. Como vemos em Canclini, quando entendermos o processo de hibridação interpretaremos as relações de sentido que se reconstroem nas misturas, e isso é o que se encaixa perfeitamente na concepção das Novas Expressões Religiosas que estudamos, por essas expressões advirem de uma mistura entre várias religiões, e quando olharmos de maneira otimista para o resultado dessas misturas entenderemos o sentido de cada Nova Expressão

Religiosa, e que esse fato decorrente de um processo de hibridação é uma tendência do mundo em seu contexto globalizado (2015, p. XXIII).

Neste estudo, como aponta Canclini, poderíamos fazer uso do conhecido e mais requisitado termo que se utiliza quando se pensa em discorrer sobre algumas semelhanças encontradas em religiões diferentes, que é termo sincretismo - como comentamos no início deste capítulo -, e assim fundamentar as junções que citaremos no sistema de crenças a ser observado; poderíamos também usar o termo “mestiçagem” para falar sobre a comunhão entre as identidades religiosas de um povo que foram “misturadas” e resultaram numa nova identidade, porém esse termo é mais conhecido e utilizado quando pensamos nas combinações biológicas que passaram por esse processo, mas assim não diríamos por completo o que queremos dizer; poderíamos até ousar um pouco mais e usar a palavra “crioulização” - sob certo aspecto -, que já serviu outrora para explicar as conexões interculturais, porém perderíamos muito sentido e não alcançaríamos o resultado desejado (CANCLINI, 2015, p. XXVII-XXVIII).

Concordamos com Canclini (2015, p. XXIV) quando nos diz que esses três termos (sincretismo/mestiçagem/crioulização) são formas de hibridação, e chegamos a concluir que o melhor termo para atender a demanda desse trabalho é realmente fazer uso do próprio termo hibridação, que como citamos anteriormente ele nos ajudará muito mais a trazer ao nosso entendimento o processo pelo qual as novas expressões religiosas se compuseram. Este autor considera o uso desse termo sob a seguinte reflexão:

“Considero atraente tratar a *hibridação* como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e os outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meio a suas diferenças...” (CANCLINI, 2015 p. XXXIX)

Pensando ao nosso objeto de pesquisa, que é a nova expressão religiosa denominada Vale do Amanhecer, veremos no próximo capítulo como os processos de hibridação aconteceram em seu processo de formação, visto que ela apresenta elementos de diversas religiosidades que ao se fundirem deram origem a esta nova religião.

2. O VALE DO AMANHECER

O vale do amanhecer é uma comunidade religiosa fundada pela Ordem Espiritualista Cristã em Brasília. Quando tudo se iniciou o local que ocupavam não era legalizado, ainda assim, isso não foi impedimento para a construção de residências e dos lugares sagrados da religião, posteriormente conseguiram uma autorização para essas construções. Muitas casas foram feitas, pois era grande o número de pessoas que vinham de longe em busca da comunidade e que acabavam por decidir residir próximo a ela, inclusive uma linha de ônibus também foi disponibilizada para as pessoas que queriam ir ao Vale (GALINKIN, 2008, p. 29).

No início, algumas casas eram de alvenaria e outras não, muito simples, os lotes distribuídos eram controlados pela organização religiosa, que coordenavam a ocupação do local, ficando a responsabilidade das despesas para o próprio morador. De um modo geral a grande maioria dessas pessoas era de poucas condições financeiras, por isso a disponibilização das linhas de ônibus para quem não tinha transporte próprio. Dentro das casas das pessoas havia fotos da clarividente Tia Neiva, imagens de entidades da Corrente Indiana do Espaço, e de Jesus Cristo.

Na comunidade havia um orfanato e uma escola com ensino de responsabilidade da Fundação Educacional do Distrito Federal, na escola não havia o ensino da religião. Dentro da comunidade havia alguns comércios de quiosque, salão de beleza, oficina mecânica, oficina de costura para confecção das roupas dos rituais, chaveiros e etc. Os habitantes em sua maioria eram vindos do nordeste e centro-oeste do país, uma parte deles nem eram alfabetizados e alguns tinham só o ensino fundamental menor, outros apenas o ensino médio. Uma boa parte das mulheres das famílias era doméstica de sua própria residência e outras prestavam serviço à comunidade como costureira, doméstica, cabelereira, poucas tinham empregos fixos. A vida social foi se desenvolvendo semelhante a um bairro de periferia, pois havia de um lado um grupo de poucas pessoas que tinham nível médio e emprego fixo, e do outro temos analfabetos sem empregos fixos, isso na década de 70. O modo de vida da comunidade era simples, mas tudo era um pretexto para festejos e bailes infantis nos aniversários (GALINKIN, 2008, p.31).

2.1 Percurso Histórico e Fundadores

Vamos começar contando a história do Vale do Amanhecer segundo a autora Ana Lúcia Galinkin, que nos diz que essa história está diretamente interligada à vida da líder religiosa Tia Neiva e de seu marido Seu Mário, pois ambos desempenharam papéis importantes no que diz respeito às funções sagrada e administrativa. A liderança da comunidade era exercida por eles, mas principalmente por ela, e isso era um consenso, informal, um código de lealdade e reconhecimento (2008, p.41).

Neiva Chaves Zelaya, conhecida como Tia Neiva é a líder sagrada do Vale do Amanhecer. Sua história é conhecida, relatada e publicada em periódicos locais, ela tem um caráter de mito entre os seguidores da doutrina. Nasceu em Propriá (Sergipe), no dia 30 de Outubro de 1925. Casou em 1943, ficou viúva com apenas 13 anos de casada e deste casamento teve quatro filhos, não tinha estudo e se profissionalizou como motorista de caminhão, viajando pelo interior do país. Em 1956 fixou-se em Goiânia trabalhando assim como motorista de lotação e um de seus filhos como cobrador. Mudou-se para Brasília no período de construção da nova capital trabalhando ainda como motorista de caminhão com veículo próprio. Pouco se sabe sobre a história de vida secular de Tia Neiva, isso são relatos de narrativas de alguns membros (GALINKIN, 2008, p.50).

Como nos relata Ana Lúcia Galinkin em sua obra, a vida religiosa de Neiva teve início quando ela começou a ter “visões” ainda em Brasília quando trabalhava como motorista, em 1958. Sua visão era de um índio todo enfeitado com penas brancas, identificado como Seta Branca, seus colegas de profissão interpretavam suas visões como mediunidade, nesta época Tia Neiva era católica e tinha horror a essas coisas de espírito como foi relatado pelo secretário geral da ordem religiosa. Tia Neiva foi a uma consulta com um psiquiatra, pois achava que estava louca, contrariando o conselho de seus amigos de trabalho que disseram que era uma mediunidade. Ela mesma narrou que chegando ao médico ele perguntou qual era o problema dela, e ela falou que estava ficando louca, pois estava tendo visões como aquela que estava ocorrendo ali mesmo no consultório. Ela disse que via ao lado do médico um senhor dizendo se chamar Juca, que era o pai do médico e que havia falecido há 62 dias, ela conta que o médico ficou perplexo, confirmando tudo que ela havia dito e que o caso dela estava fora da alçada da psiquiatria, ela diz ter ficado irritada com a confirmação do médico sobre sua mediunidade (2008, p.50).

Após um ano de suas primeiras visões, Tia Neiva começou a admitir seus dons de mediunidade e saiu em busca do desenvolvimento do seu dom, procurou diferentes lugares onde era praticado o espiritismo em Brasília, foi então que decidiu entregar seu dom mediúnico a Dona Neném. É contado por alguns adeptos que acompanhavam Tia Neiva desde a época de Dona Neném que as duas possuíam mediunismos distintos, uma ligada a dons extranormais e Dona Neném ligada mais à doutrina espírita (GALINKIN, 2008, p.51).

Em um livro publicado por Seu Mário é relatado que Tia Neiva foi acometida de tuberculose e foi internada no sanatório em Belo Horizonte, e sobre este fato existe o relato de que não tinha salvação para ela e depois de três meses ela saiu de lá, e neste período esse fato foi uma demonstração grande do poder dos espíritos, pois além da tuberculose ela tinha câncer no pulmão, e depois do tratamento foi considerada curada. Neste período internada ela teve muitas experiências mediúnicas, com entidades com estado avançado de evolução espiritual, estes estabeleciam contato com ela para prepará-la para o auxílio do sofrimento das pessoas, para desempenhar uma grande missão que era dar ao mundo o mestre *doutrinador* e com isso preparar a humanidade para a entrada do III milênio (GALINKIN, 2008, p.51).

Tia Neiva continuou a desenvolver sua mediunidade espírita com Dona Neném, em 1959 as duas fundaram a União Espiritualista Seta Branca, em Brasília. A prática da caridade e espiritismo era a principal finalidade da UESB (União Espiritualista Seta Branca), registrada em cartório em 1959, os médiuns integrantes dela realizavam trabalhos de atendimento gratuito ao público, aliviando o sofrimento das pessoas, depois os membros receberam a ordem de Tia Neiva para irem se instalar em Anápolis (Brasília), para se organizarem em uma comunidade, continuando com a mesma finalidade de atendimento às pessoas (GALINKIN, 2008, p.51).

Após cinco anos Tia Neiva e Dona Neném se separam, Tia Neiva foi com seus filhos, noras e alguns seguidores para Taguatinga. Dona Neném se mudou para Goiânia e deu continuidade ao seu trabalho espiritual. Em Taguatinga, Tia Neiva junto aos membros que foram com ela, fundou a Ordem Espiritualista Cristã registrada em cartório em 1964, e em 1970 Tia Neiva recebeu ordens espirituais para mudar para o local onde funciona até hoje. As pessoas que acompanhavam Tia Neiva desde o início, como já dissemos, são pessoas simples, sem escolaridade e contrárias à racionalização. Desde o início havia apenas dois ritos na doutrina do Vale, um para membros e outro para atendimento ao público, como podemos observar na explicação:

“A prática doutrinária chamada doutrina do amanhecer, é baseada no mediunismo (partindo do princípio de que todas as pessoas são médiuns) e na doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo. O ritual é totalmente original, com sentido universal, parecendo-se com muitas religiões e doutrinas existentes, mas não seguindo nenhuma delas em particular. Todas as instruções fluem através da clarividência de Tia Neiva não sendo baseada em livro algum de doutrina conhecida.” (GALINKIN, 2008, p.25)

O templo sagrado do Vale foi construído segundo a concepção de Tia Neiva, lá eram realizados os rituais e também algumas atividades administrativas, segundo ela havia um templo igual no plano espiritual, sem projeto arquitetônico ela mesma descreveu como ele deveria ser erguido, as divisões internas, e até as decorações (GALINKIN, 2008, p.33).

No templo sagrado há frases do mentor espiritual Seta Branca e versículos do evangelho de João, na parte interna havia véus longos, imagens de Seta Branca, de Jesus Cristo, e de outras entidades. Os bancos são de alvenaria, e lá os clientes ficam sentados aguardando o atendimento, existem várias salas subdividindo o templo, sala de indução, sala de junção, secretaria, linha de passe e sala de cura, todas na parte lateral, na parte central temos a mesa triangular que é onde realizam o ritual de dar passagem aos médiuns com a finalidade de aliviá-los, é uma forma de limpeza espiritual, lá temos símbolos e imagens de Seta Branca e Jesus Cristo, o que pode gerar ao visitante sensações paradoxais de estranhamento e familiaridade ao mesmo tempo como nos destaca Galinkin:

No panteão do Vale do Amanhecer pode-se identificar tanto entidades oriundas de outros contextos religiosos e rituais de outras religiões, quanto entidades e denominações originais, criadas nesta doutrina. A sensação de familiaridade e estranhamento é vivenciada pelo visitante a todo momento, durante seu percurso pelos recintos internos e os externos do Vale do Amanhecer (2008, p.30).

Mesmo a ordem não sendo filiada a nenhuma congregação religiosa, contudo, alguns seguidores se identificam se referindo ao kardecismo como fonte de inspiração doutrinária. Outros seguidores afirmam que a fonte de inspiração do movimento religioso e seus trabalhos espirituais é o Pai Seta Branca que se faz presente através da mediunidade de Tia Neiva. Segundo Ana Lúcia Galinkin, do início do Vale até meados dos anos 70 houve a criação de novos rituais de iniciação a novos graus hierárquicos na religião, novas subdivisões dentro do templo sagrado, e um crescimento numérico considerável em um espaço de pouco tempo e expansão para outros estados do país. (GALINKIN, 2008, p. 49).

Mário Sassi, ou como já citamos, “Seu Mário”, era secretário geral da Ordem Espiritualista Cristã, juntamente com Tia Neiva dirige a vida secular e sagrada do Vale do Amanhecer, ele exerce a função administrativa da comunidade e da ordem religiosa e um papel sagrado relevante, ele é ‘mestre Jaguar Doutrinador’. Sobre sua vida, temos um livro de sua autoria publicado pela ordem religiosa. Ele foi assessor de relações públicas da Universidade de Brasília, Nasceu no Brás, um bairro da cidade de São Paulo, descendente de italianos. A origem de sua família é humilde, cursou filosofia (por dois anos), psicologia, relações públicas, jornalismo e anatomia, deixou a maioria desses cursos sem concluir, pois era mais preocupado em saber do que em conhecer, abandonou tudo e recolheu-se para o Vale do Amanhecer, onde por sua vez teve uma vida ascética, isolada do mundo, ajudou aconselhando e orientando os membros da comunidade. Foi casado com uma socióloga e teve cinco filhos (um deles vivendo no Vale do Amanhecer), separou-se de sua esposa em 1967.

Em 1962 quando veio para Brasília, começou a trabalhar como relações públicas na Universidade de Brasília. Neste mesmo período se matriculou no curso de Ciências Sociais pretendendo concluir, mas não conseguiu. Em 1968 se licenciou da função que trabalhava para se dedicar aos trabalhos espirituais junto com Tia Neiva, com quem passou a conviver maritalmente. Conhecido por todos como um homem de estudo, inteligente e que tinha domínio do inglês.

Seu primeiro contato com Tia Neiva e sua iniciação e missão é relatado em seus livros. Passando por dificuldades pessoais, foi levado a procurar a médium quando a sede era ainda em Taguatinha em 1965. Movido pela aflição e em busca de solução de seus problemas, suas aflições são reveladas por Tia Neiva e pela Entidade Seta Branca, explicam sua angústia, além de incluí-lo em um projeto que envolve o destino da humanidade. A sua escolha para a missão foi descrita por Tia Neiva dizendo que ele era uma pessoa insatisfeita, mas que tinha uma grande missão a cumprir, haveria mudança em sua vida, e ele iria encontrar a realização que tanto estava procurando (GALINKIN, 2008, p.55-57).

Por três anos ele se dedicou aos trabalhos espirituais sem abandonar suas atividades do dia a dia, após isso ele se dedicou inteiramente às atividades religiosas, sagradas e administrativas, verdadeiro líder racional da comunidade e se mudou para lá, tornando-se assim ‘mestre doutrinador’. Isso se deu após Tia Neiva incorporada por Seta Branca, dizer-lhe:

“Meu filho, você é um missionário de Deus, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo terá que anunciar as premissas da civilização do III milênio, recebidas por intermédio desta médium clarividente... Abrirei para você um novo mundo e você escreverá com o espírito da verdade...” (GALINKIN, 2008, p.59).

Neste momento é legitimada a capacidade dele para a atividade sagrada que passaria a exercer na ordem. Seus livros e folhetos são escritos em conjunto com Tia Neiva que inspirada pela Entidade Astral superior, transmite as mensagens e Mário Sassi interpreta e divulga. Os papéis dos dois se completam, Tia Neiva, de pouca instrução, com dom de clarividência, em contato direto com entidades espirituais, Mário Sassi intelectual, interpreta e divulga a mensagem para o plano humano. Mário Sassi é o ‘Mestre Sol Tumuchy’ no plano sagrado da doutrina, categoria única na doutrina.

Ainda sobre a doutrina e a história do VDA encontramos valiosas contribuições catalogadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que realizou em 2010 o Inventário Nacional de Referências Culturais do Vale do Amanhecer. Vamos destacar a seguir algumas informações importantes para o nosso trabalho que foram extraídas desse material.

A começar pelo misticismo lendário que existe em torno da história da fundação de Brasília, procuramos entender como a nova capital do Brasil estimularia o aparecimento das novas expressões religiosas, como é o caso do Vale do Amanhecer que nasceu em suas imediações e depois mudou-se para lá, então pudemos constatar no texto:

Identificações de cunho místico a Brasília: *chakra* cardíaco do Planeta Terra; centro irradiador de poder e energia; região onde se dará a próxima civilização de Aquarius; Nova Civilização do Terceiro Milênio. Assim, o mito foi-se tornando lenda e, gradativamente, foi-se plasmando no imaginário social da população local; está formado um terreno propício para as novas religiosidades que foram surgindo juntamente com a nova capital, como é o caso da Cidade Eclética, da Cidade da Fraternidade, do Vale do Amanhecer.(IPHAN, 2010, p.5-6)

Como vemos acima podemos identificar elementos que atendem as expectativas da doutrina do Vale, como é o caso da busca da chegada do terceiro milênio e da era de Aquários; também o fato da grande concentração de energia que é atribuída à localização geográfica de Brasília, e como no Vale eles trabalham com a manipulação de energias, como coletamos no discurso das entrevistas na pesquisa de campo, então podemos concluir que Brasília responde as demandas da religião. O texto do IPHAN também destaca a grande quantidade de celebrações que são realizadas no Vale, são

vários tipos de ritos, consagrações, festividades e eventos que geram um imenso calendário de acontecimentos e formam uma rede de sentidos e práticas que definem a identidade religiosa do adepto e sua experiência com o sagrado (IPHAN, 2010, p.11).

O IPHAN também destaca alguns aspectos da dimensão cultural do Vale do Amanhecer, pois em suas práticas religiosas encontramos o simbólico sendo materializado em suas vestes, ritos, em suas construções, e imagens da natureza formando uma identidade espacial do Amanhecer e de seus adeptos. (IPHAN, 2010, p.85). O VDA em Brasília tomou uma proporção tão ampla que hoje se destaca como um ponto de atração turística pois a procura pela visitação às suas dependências é muito numerosa o que resulta numa grande movimentação, dentro de sua área teremos médiuns, pacientes e turistas circulando, chegando ao fluxo mensal de 12 mil pessoas inseridas nesse cenário que é ao mesmo tempo cultural e religioso, e sob certo aspecto até inquietador (IPHAN, 2010, 89).

2.2 Cosmovisão do Vale do Amanhecer: uma visão panorâmica da doutrina

Ainda utilizando os estudos de Ana Lúcia Galinkin (2008), ela nos diz que o Vale do Amanhecer recebe o nome de ‘Ordem Espiritualista Cristã’, é regido por um estatuto, tem diretoria e é caracterizada como uma organização familiar. Inicialmente liderada pelo casal Tia Neiva e Seu Mário com seus filhos. A ordem foi registrada no Conselho Nacional de Serviço Social. Como já foi dito, Tia Neiva é a responsável por assuntos espirituais e religiosos, seus filhos e seu esposo são responsáveis pelos assuntos administrativos.

A doutrina do Vale do Amanhecer é denominada de ‘Corrente Indiana do Espaço’ e os trabalhos realizados são chamados de ‘Pronto Socorro Universal’, prestando atendimento às pessoas que buscam socorro em sofrimento. A doutrina do Vale é chamada de ‘Doutrina do Amanhecer’, as pessoas que atendem os clientes que vão ao Vale são denominados de ‘médiuns’ e ‘aparás’, e trabalham também nos rituais. Os médiuns que atingirem o grau de mestre estão aptos a desempenharem a função de presidente das unidades de trabalhos como é o caso da unidade de Santa Rita, eles preparam os médiuns iniciantes com finalidade de desempenharem sua função no ritual, eles são chamados de mestres instrutores (GALINKIN, 2008, p.63).

No início da organização da hierarquia sagrada do Vale estava Tia Neiva como líder em contato direto com o sobrenatural, e seu esposo Mário Sassi ‘O Grande Mestre Tumuchy’, era essa sua denominação religiosa, representante único desta categoria de mestre como já citamos, depois temos os aparás, Mestres Jaguar Lua, as falanges de Nitiamas (mulheres) e falanges dos magos (homens), entre outros que são subordinados. Esta subordinação é baseada na lealdade pessoal e no carisma de Tia Neiva. Não existem restrições explícitas com relação a outras religiões na ordem, eles atendem pessoas de todas as religiões. (GALINKIN, 2008, p.59).

Tia Neiva também é chamada pelas entidades como Natacha, uma vez que segundo a crença do grupo, ela e todos os adeptos da doutrina acreditam ser a encarnação de uma tribo de ciganos e este era o seu nome nesta época. A consagração de Tia Neiva se deu no plano espiritual, feita por entidades do astral superior, onde o contexto de tempo e espaço não são definidos. E pai Seta Branca, o ser sobrenatural, entidade máxima da doutrina do Amanhecer, reconheceu o dom extraordinário dela e a elegeu para desempenhar a missão salvadora da humanidade, seres extraplanetários a auxiliam na sua preparação para a grande missão, espíritos de luz a consagram para desempenhar esse papel. Ana Lúcia Galinkin (2008) nos enumera os dons de Tia Neiva, citando que a mesma é dotada de dons extraordinários e que esses dons atraem um grande número de seguidores, são eles:

- a) Clarividência, dom de ver, ouvir e se comunicar com espíritos de todas as ordens.
- b) Possibilidade de transporte, significando que seu espírito se desprende do corpo e se desloca por diferentes lugares do cosmos.
- c) Possibilidade de estar no plano material e espiritual simultaneamente.
- d) Capacidade de ver as encarnações passadas das pessoas e seu futuro também.
- e) Dom de fazer profecias referentes ao destino da humanidade.
- f) Realização de curas espirituais. (GALINKIN, 2008, p.52).

De acordo com a doutrina do Vale, clarividência é diferente de vidência, dom que muitas pessoas têm. No caso da clarividência é possível ver e ouvir os espíritos, podendo também ter influência sobre eles. No caso da vidência só é possível ver. Tia Neiva tem dotações extraordinárias para a realização das curas espirituais, existem relatos de membros que souberam por conhecidos sobre a existência do Vale e da clarividente e tiveram vontade de conhecê-la, um dia ao usar técnicas de yoga para a

concentração evocaram Tia Neiva e dias depois ao encontrar com ela pela primeira vez no templo do Vale do Amanhecer ela lhes disse que eles já tinham se encontrado antes, e perguntou-lhes se não se lembravam, disse que eles tinham chamado por ela e que ela não podia ir, mas foi ao encontro deles (GALINKIN, 2008, p.54).

A única pessoa autorizada a incorporar a entidade máxima da doutrina é Tia Neiva e a transmitir através de mensagem do mentor da doutrina à humanidade, além também de receber mensagens de entidades de luz da Doutrina do Amanhecer, ela conduzia as grandes cerimônias sagradas da ordem e sua grande missão é divulgar as premissas da nova civilização que terá lugar após o acontecimento do III milênio (GALINKIN, 2008, p.54).

Galinkin nos diz que na Doutrina do Vale do Amanhecer o universo é concebido por vários mundos habitados por espíritos encarnados e desencarnados em distintos estágios de evolução. Segundo a concepção da doutrina, a terra é o estágio de expiação e intermédio entre mundos inferiores, local de habitação dos espíritos não evoluídos e o ‘Astral superior’, lugar de Entidades superiores e de luz, espíritos que chegaram ao mais alto grau de desenvolvimento. Os adeptos do Vale acreditam que chegarão a esse desenvolvimento após o seu próximo desencarne (GALINKIN, 2008, p.63).

O ‘Astral Superior’ tem quatro locais diferentes: a ‘Estrela Manchante’ habita os espíritos evoluídos ou entidades de luz que por sua vez trabalham no Vale do Amanhecer, incorporados nos médiuns aparás, a finalidade desses é trazer a cura de doenças espirituais. Nesta estrela existe a Escola de São Francisco, que promove cursos do primário até a universidade aos espíritos, os adeptos do Vale do Amanhecer irão para a universidade de São Francisco.

A Pedra Branca é outro local do Astral Superior, lá se passa sete dias refletindo sobre as encarnações passadas, e após esses sete dias é decidido se passa ou não por uma nova encarnação. Essa possibilidade de escolha é entendida como Livre Arbítrio.

Outro local do Astral Superior é o Canal Vermelho, este lugar segundo alguns adeptos é muito parecido com a terra, com igrejas de credos diferentes, casas, ruas em tudo se parecendo com que o espírito conheceu antes do desencarne, neste lugar são enviados os espíritos que não eram convictos sobre os princípios da doutrina, essa semelhança com a terra é para que os espíritos não tenham estranhamento com as mudanças e acostumem-se com a vida espiritual.

A capela é outro lugar, é um planeta habitado por espíritos evoluídos, são eles que enviam discos voadores à terra, no sentido de ajudarem aos habitantes da terra a

evoluírem, eles entram em contato com Tia Neiva através de sua clarividência e estão ajudando nos trabalhos feitos no Vale (GALINKIN, 2008, p.63-64).

O tempo é compreendido como divididos em ciclos milenares, criação e final de cada milênio como resultado do intermédio de Pai Seta Branca, e ele aparece como herói glorioso, caracterizado como um indígena, falando em espanhol.

Segundo os adeptos, nos sucessivos milênios que se encerraram de forma trágica, um cataclisma colocou fim a uma era e iniciou outra, várias civilizações haviam na terra, os 'Equitumans' que tinham como objetivo o domínio das forças da natureza, foram destruídos por um grupo de civilização, os 'Tumuchys' que inauguraram a era dos cientistas, após estes vieram a civilização dos 'Jaguares', que habitaram os Andes e seu objetivo era o "domínio das multidões", este grupo ameaçado por outros grupos inimigos, tinha como chefe um indígena que logrou êxito com seu poder de persuasão e força mental para os invasores não atacá-los, este chefe recebeu o nome de Seta Branca, por causa de suas flechas com pontas de marfim. Ele é o mentor Espiritual da Corrente Indiana do Espaço, sua última encarnação foi São Francisco, contudo no Vale do Amanhecer ele é representado com sua roupagem de 'Jaguar', os adeptos acreditam que em outra encarnação eram da tribo de ciganos, e atualmente estão no Vale do Amanhecer para se prepararem para o III milênio (GALINKIN, 2008, p.64).

Em 1971 houve a primeira mensagem pública de Pai Seta Branca anunciando o apocalipse e o advento do III milênio. As mensagens são sempre de alerta aos adeptos sobre as catástrofes do advento da passagem do milênio que abrirão caminho para uma nova civilização para os seguidores da doutrina, ele afirma as dívidas transcendentais dos adeptos através do trabalho mediúnico missionário (GALINKIN, 2008, p.65).

Depois do fim do II milênio, e esse fim se nota com terremotos, epidemias, guerras e outros acontecimentos destrutivos, os adeptos do Vale não mais encarnarão, passando a habitar no Astral Superior, como espíritos de Luz, os adeptos se dedicarão a formação acadêmica e aprimoramento dos princípios da doutrina, como o perdão, a caridade e o amor crístico. (GALINKIN, 2008, p.65).

Na doutrina do Amanhecer, eles acreditam na encarnação, ocupando corpos físicos, que os impõem sofrimentos e limitações que são peculiar ao estado de matéria, no sentido de que a encarnação faz parte do estágio de expiação, condição indispensável para a evolução dos espíritos. O sofrimento é algo (dívida) a se pagar, essas dívidas foram contraídas em encarnações passadas. Um exemplo de dívidas são os maus tratos aos semelhantes. O que faz com que tais dívidas contraídas em vidas passadas sejam

pagas é a prática do bem, da humildade, do amor crístico, da tolerância e do perdão. A encarnação é como uma escola de aprendizagem, pode-se pagar as dívidas, mas porém isso não o impede de contrair mais dívidas (GALINKIN, 2008, p.66).

A Doutrina do Amanhecer oferece a oportunidade dos seus seguidores eliminarem suas dívidas através das práticas dos rituais no VDA. Sobretudo por que o prazo das encarnações está se findando com a chegada do III milênio. Em cada participação nos rituais, os seguidores adquirem o que eles chamam de “bônus-hora”, um crédito da boa ação pela caridade praticada (GALINKIN, 2008, p.66).

O carma para a doutrina tem o sentido de destino, é uma sequência que não se pode evitar de acontecimentos, existe um carma previsto para cada pessoa na ‘Lei do Carma’. Com a morte, o corpo e o espírito desencarnam, passa sete dias na Pedra Branca, é neste período que é feita a “avaliação” das ações em encarnações passadas, nesta contabilização de suas ações podem escolher a forma que poderão pagar. A escolha pela doença é a forma de pagar a dívida com mais agilidade, durante a encarnação não se lembrarão de suas escolhas. Os espíritos que não optarem pela encarnação ficarão a vagar pelas trevas, o plano inferior, pois estes estão mais interessados pela vingança do que pelo perdão. Isso significa que muitos espíritos não evoluem e se tornam espíritos obsessores que perturbam as pessoas nos diz Ana Lúcia Galinkin (GALINKIN, 2008, p.66).

O livre-arbítrio na Doutrina do Amanhecer é justamente a possibilidade de escolha da forma que pagarão suas dívidas, e se a pessoa entrar para a Corrente do Amanhecer, saberá o motivo de seu sofrimento, podendo assim mudar e optar pela forma de pagamento que é feita na doutrina, a possibilidade da prática dos rituais, substitui a necessidade de novas encarnações. Esta nova opção, tem o nome de livre arbítrio que significa mudança do próprio carma (GALINKIN, 2008, p.66).

De acordo com a Doutrina do Amanhecer, existem dois tipos de espíritos, os espíritos de luz que habitam o ‘Astral Superior’ eles não são mais sujeitos a encarnação, pois já alçaram o maior estágio de desenvolvimento do espírito. Eles se organizam em ordem hierárquica das ‘falanges’, um líder lidera uma equipe de espíritos e o líder supremo é o Pai Seta Branca, que é o braço direito de Jesus Cristo, são esses espíritos que através do transe de mediunidade, promovem a cura de doenças espirituais, orienta, alivia o sofrimento e sobretudo prepara os adeptos para a entrada do III milênio (GALINKIN, 2008, p.67).

Nas categorias dos Espíritos ou Entidades de Luz temos os Pretos Velhos, eles são os espíritos que encarnaram em escravos na época do Brasil colônia e hoje vivem em estado de luz. Os pretos velhos são considerados entidades de comunicação, por dialogar com os clientes, dando conselho, orientando, respondendo perguntas ao sofrimento, e problemas que eles enfrentam. Existem Pretos Velhos masculinos e femininos. Para eles são os pretos velhos que levam a pessoa a procurar o Vale. Segundo esse relato de Ana Lúcia Galinkin sobre os Pretos Velhos podemos constatar aqui um processo de hibridação, onde temos um personagem advindo das Religiões Afro-brasileiras surgindo numa nova expressão religiosa, no VDA, o processo de hibridação reproduziu um elemento de outra religiosidade e ainda nos apresentou elementos novos em sua representação no Vale (GALINKIN, 2008, p.67).

Os caboclos são outra categoria das Entidades de Luz, estes foram indígenas em outras encarnações, geralmente eles não falam com os clientes, ou quando falam são de poucas palavras, também tem caboclos masculinos e femininos (GALINKIN, 2008, p.70).

Os espíritos que se formaram em medicina na universidade de São Francisco de Assis no Astral Superior é outra categoria das Entidades de Luz, chamados de Médicos do Espaço ou médicos espirituais. Estes em outras encarnações foram médicos, e são eles que fazem as curas espirituais, realizando operações espirituais. E são estas categorias que incorporam com o objetivo de trazer a cura das doenças espirituais (GALINKIN, 2008, p.70).

Outra categoria de entidades de luz são os capelinos, espíritos evoluídos que vivem encarnados no planeta capela, no astral superior, e sua missão é a de auxiliar os espíritos encarnados na terra para a entrada no III milênio. Os capelinos não incorporam nos rituais de tratamento espiritual, contudo eles incorporam em alguns médiuns para trazer alguma mensagem (GALINKIN, 2008, p.71).

Os Espíritos das Trevas são organizados em falanges de sete espíritos, cada um com um líder, e esses sete são líderes de outros sete, contudo não há um líder supremo. Eles são chamados de espíritos das trevas, pois vivem na escuridão, sem falar e ouvir e não conhecem o amor crístico, não são evoluídos, são chamados de sofreadores, uma vez que vivem a vagar pela escuridão, quando tem contato com os encarnados trazem doenças e perturbação, essa aproximação é chamada de obsessora (GALINKIN, 2008, p.73).

Segundo Galinkin em sua pesquisa, os espíritos das trevas também são os Elitrios, que foram na sua última encarnação submetidos a torturas físicas e mentais, morrendo em estado de ódio. Os cobradores que em encarnações passadas conviveram com pessoas do mal e pela Lei Divina foi lhes dado o direito de cobrar os que os prejudicaram, de certa forma um “ajuste de contas”. Os exus são outra categoria, são aqueles que foram intelectuais, e de tão intelectuais chegaram ao ponto de não aceitarem a doutrina do amor, do perdão e da caridade, eles aceitam a Deus e não a Jesus Cristo. Outra categoria dos espíritos das trevas são os sofredores, aqueles que não tomam ciência de seu desencarne, não se conformando, uma vez que perderam sua vida em um acidente ou são apegados a bens materiais, estes não procuram evolução para irem ao Astral Superior, permanecendo assim no lugar de onde vieram, são presos nas riquezas da terra, vagando no espaço sem esclarecimento. Obsessores é outra categoria de espíritos das trevas que vivem a vagar sobre o “plano das trevas”, pois não procuram evolução, perturbam a vida dos que viveram com ele quando encarnado, acompanham a pessoa com o objetivo de perturbar, causar problemas. As categorias de espíritos das trevas não tem nomes, como os espíritos de luz, eles são genéricos, suas manifestações são sempre semelhantes, com gritos e sons que não se compreende, não respondem a saudação do VDA “Salve Deus”. Enquanto as entidades de luz vivem no Astral Superior, os espíritos das trevas vagam onde há ausência de luz. Todas essas informações foram contribuições da autora Ana Lúcia Galinkin (2008, p.73-74).

O autor Amurabi de Oliveira nos traz importantes contribuições em seus estudos sobre o Vale do Amanhecer (VDA), dos quais iremos destacar algumas observações. Vamos retomar a discussão inicial sobre o VDA integrar o bloco das Novas Expressões Religiosas, sobre o isto este autor nos esclarece a questão do Vale fazer parte do movimento New Age, e ainda mais do que isso, ele nos apresenta o Vale como pertencente ao New Age Popular (NAP), pois ao remontar a trajetória mítica-simbólica brasileira quando se chega às décadas de 1960/1970 e nos depararmos com um cenário de declínio das religiões tradicionais no Brasil, aqui nasce o Vale e segundo o autor, esse bloco de religiões denominadas New Age apresentam uma proposta alternativa para uma religiosidade nova às pessoas, e aqui no Brasil, a New Age vivida pelo Vale vai ter ainda mais singularidade, ela vai abarcar a nossa pluralidade típica popular brasileira (2009, p.36).

O movimento New Age caracteriza-se pela variedade de práticas e representações, é um bloco nada homogêneo de religiosidades, que realiza diálogos com religiões tradicionais e também com outras religiões e culturas, como nos diz Amurabi de Oliveira em sua composição encontramos elementos do Catolicismo, do Espiritismo, da Umbanda, e também referências às culturas Inca, Asteca, Maia, Egípcia, Grega, Indiana e Judaica; e como também já citamos, passam por processos de hibridação. (2009, p.37).

As crenças no Vale são constituídas por um complexo universo de símbolos e histórias que explicam várias questões da humanidade, o fio condutor do mito do Pai Seta Branca, que é o mentor espiritual do VDA, conta que ele chegou na terra num disco voador e viveu em diferentes épocas e encarnou várias vezes: como Jaguar, como São Francisco de Assis, como índio Tupinanbá, e essas figuras atendem às culturas Inca, Cristã, e à mitologia popular Brasileira respectivamente, como nos destaca o autor. No Vale as práticas de terapias e de cura espiritual são influenciadas pelo xamanismo, sob uma visão holística se explicam todos os fenômenos e também através da ideia de energias e vibrações. Quando o Pai Seta Branca não pôde mais encarnar ele escolheu a tia Neiva para preparar a humanidade para o terceiro milênio, onde não haverá mais dor nem sofrimento e todos regressarão ao planeta 'Capela', de onde os homens teriam vindo e também o Pai Seta Branca.

O Vale do Amanhecer pode ser considerado pertencente ao movimento New Age por apresentar características que justificam essa classificação por ser comum às peculiaridades da classe NA, como nos destaca o autor Bartolomeu Medeiros (1998), quando nos diz que no VDA exige-se transformação e mudança ao nível individual e coletivo como requisito à preparação para uma nova era, como também a mente, o corpo e o espírito do adepto devem estar preparados para a passagem para a Era de Aquário; outra característica é a ressignificação de símbolos religiosos; uma ausência de culpa pessoal atribuindo os acontecimentos a agentes externos, quer sejam terrestres ou não; e também existe entre os pertencentes a este modelo de vida um super otimismo que acredita que a humanidade está sendo introduzida numa convivência harmônica com as pessoas e com o planeta.

Retomando as contribuições de Amurabi de Oliveira, ele nos esclarece a relação entre a NA e a NAP:

A *New Age* aflora como uma nova forma de lidar com o sagrado, uma forma mais fluída, capaz de arranjar signos diversos retirados de seu contexto original visando a fins específicos. Nessa nova forma de lidar com o sagrado brotou a *New Age Popular*, oriunda de uma reapropriação dos discursos *new agers*, a partir de um código social específico, revelando uma nova visão de mundo, uma nova proposta de síntese - a convergência entre o novo e aquilo que há de mais cristalizado na devoção popular brasileira. Essa proposta, como visão de mundo legitimada, reflete os anseios, perguntas e respostas de um grupo social específico, cujo *core* encontra-se na esfera mais profunda da subjetividade humana, permeada pela totalidade social e imersa na imensidade simbólica (OLIVEIRA, 2009 p.44).

A *New Age Popular* propõe uma recomposição de discursos e práticas religiosas *New Agers*, onde elas são reinterpretadas, então poderíamos supor que religiosidades assim classificadas passaram por um processo de hibridação, pois como já explicamos nesse estudo elas são o resultado de processos socioculturais-religiosos onde estruturas ou práticas que já existiam de forma separada, se combinam e geram novas estruturas, novos objetos e novas práticas religiosas.

Segundo Oliveira (2009) a NAP é uma releitura de NA a partir de práticas e tradições brasileiras, como por exemplo os rituais de possessão e de elementos da umbanda ressignificados, esses rituais de possessão são típicos das religiões populares brasileiras. Outro fator que explica a ideia de NAP é o fato de que o discurso da NA vem de um contexto europeu e norte-americano de classe média /média alta, já no VDA a maioria dos adeptos fazem parte das camadas populares. O sentido do uso da expressão ‘popular’ para designar esse tipo de religiosidade não quer fazer oposição a expressão ‘erudito’ nem tampouco está sendo empregada para designar inferioridade, é fundamental que a proposta fique clara.

Voltemos a problematização dos termos, vamos atentar para o que a autora Martha Abreu (2002) nos destaca refletindo sobre o termo ‘Religiosidade Popular’, já que estamos falando em *New Age Popular*, levando em conta o que dizem alguns estudos em relação à percepção do senso comum, essa expressão por vezes é ligada ao significado de algo que está subordinado, algo que não é oficial, que está partindo de sua relação com o povo, com as classes sociais, e isto simplifica e reduz a complexidade desse fenômeno religioso. Podemos sim entender ‘Religiosidade Popular’ como algo que vem do povo, mas no sentido de que expressa os seus sentimentos e anseios espirituais de uma forma mais subjetiva em busca do transcendente, vamos buscar esse sentido na compreensão do termo ‘popular’.

Outro aspecto que merece destaque nesta discussão é o que nos diz o autor Rubem César Fernandes (1984) sobre ‘Religião Popular’, quando afirma que esse termo abrange uma grande variedade de fenômenos, e essa variedade pode ser tanto regional como também de crenças, mas está rotulada com o mesmo título, poderíamos citar como exemplo a umbanda, que existe em vários lugares e que em cada um desses lugares existem suas diferenças, ela não é a mesma. Fernandes também destaca o fato desse termo não ser nativo, no sentido de se dizer pertencer a isto, pois o indivíduo não diz que faz parte da religião popular, não existe uma denominação com esse título, de um modo genérico ele vai dizer que é católico, ou evangélico, ou espírita, ele vai dizer o nome de uma religião ‘oficial’, ele não irá se enquadrar como popular, ele não se vê assim, quem faz esta classificação são os analistas de fora do processo. No caso do VDA o indivíduo também terá dificuldade em relatar sua pertença, ele não sabe que o Vale se enquadra numa Nova Expressão Religiosa, ou mesmo que faz parte do New Age ou mais especificamente do New Age Popular.

Rubem César Fernandes (1984) nos diz que é importante refletir com cuidado sobre o significado do termo pois esta expressão ‘popular’ pode ser usada ainda para representar o termo ‘maioria’ por exemplo, ou quando falamos em alguém que é bem quisto por muitas pessoas dizemos que ele é uma figura popular; em outros contextos pode significar a classe menos favorecida, quando dizemos que o governo fez moradias populares para atender a demanda de determinada área, relacionamos popular à essa classe com poder aquisitivo menor. Outro exemplo é que quando pensamos em religião popular geralmente estamos pensando como sendo aquela religião que não é a oficial. Então chegamos a conclusão que não se pode rotular uma expressão como pertencente a um único significado, nem devemos limitar esse significado, pois ele também pode obter modificações no decorrer do tempo e sofrer influências sociais.

Existe ainda outro olhar para essa questão da religião / religiosidade popular, que a classifica e define o enquadramento do popular sob uma perspectiva de determinar de qual religião oficial é a manifestação equivalente na religiosidade popular. Carlos Rodrigues Brandão (2007) cita por exemplo que, dentro do catolicismo temos como religiosidade popular advinda dele, o catolicismo rústico, e também a Renovação Carismática atende bem a demanda de Catolicismo popular; temos também o pentecostalismo como manifestação equivalente de popular em relação aos protestantes tradicionais; temos modalidades arcaicas de cultos de matriz africana e temos também as equivalências atuais de cultos afro-brasileiros e também os surtos messiânicos.

Seguindo esse raciocínio de Brandão poderíamos dizer que o Vale do Amanhecer seria a equivalência popular da New Age? É isso que estamos discutindo dentro da problemática do uso dos termos e de seus significados mais próximos à realidade da vivência religiosa.

Outra característica forte da religião popular, é a presença de um sujeito que é o agente popular da religião, ele é o rezador, o presbítero, o capelão, o líder de grupo, o pai-de-santo, a benzedeira, enfim, aquela pessoa que é uma figura comum, do povo e para o povo, observando o Vale do Amanhecer podemos identificar como sendo o agente popular da religião a figura de Tia Neiva. Os ritos das religiões populares são fortes e marcantes, percebemos uma presença muito grande do corpo envolvido com o sagrado, as pessoas se entregam mais literalmente como diria o dito popular, de corpo e alma como nos diz Brandão (2007), também esta expressão de entrega de corpo e alma podemos perceber no VDA nos rituais de mediunidade que acontece nas cerimônias no templo e na vida cotidiana de seus adeptos que foram entrevistados em nossa pesquisa.

Depois de fazer um percurso sobre as características da doutrina do Vale do Amanhecer de um modo geral, vamos nesse momento adentrar ao estudo específico de nossa pesquisa de campo, resultante das visitas que realizamos ao Vale do Amanhecer na cidade de Santa Rita.

3. O VALE DO AMANHECER NA CIDADE DE SANTA RITA

Santa Rita está localizada na região metropolitana de João Pessoa, é conhecida também como a ‘cidade das águas’ por ter o maior número de fontes de águas minerais do estado. Segundo o IBGE, tem uma população estimada em cerca de 133 mil habitantes, distribuídos em 726km² de área. É uma cidade histórica que tem uma grande importância desde a fundação do nosso Estado e sua capital Parahyba, que hoje é João Pessoa, e tem se desenvolvido nos últimos anos apresentando hoje a quarta maior economia do estado (IBGE).



Ilustração 01
Mapa da cidade de Santa Rita (Fonte: IBGE)

A cidade de Santa Rita faz fronteira a leste com João Pessoa, Bayeux e Cabedelo; a oeste com Sapé e Cruz do Espírito Santo; a norte com Capim, Rio Tinto e Lucena; e ao sul com Pedras de Fogo, Alhandra e Conde.

Podemos observar através de pesquisas e em nossa vivência pessoal, devido ao fato de ser morador da cidade citada nesse estudo, que a cidade de Santa Rita tem um quadro religioso muito diverso, com a maioria da população professando a fé católica e em seguida com uma vasta diversidade de denominações evangélicas das tradicionais às neopentecostais, o município conta ainda com a presença de espíritas, e de religiões de

diversos cultos de matrizes afro-brasileiras. Também podemos encontrar as novas expressões religiosas na cidade, como é o caso da UDV (União do Vegetal) e do Vale do Amanhecer, esta última é a que vamos discurrir a seguir sobre a pesquisa e as entrevistas que realizamos nela.

Mesmo atestando a presença de tão grande diversidade religiosa o que conseguimos coletar no IBGE sobre as religiões na cidade de Santa Rita, é a informação apenas sobre três dados: Católicos 67.346, Evangélicos 31.022 e Espíritas 403. Pensando na população de cerca de 133.000 fica o vazio sobre a pertença religiosa de 34.229 habitantes.

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos a pesquisa de campo, que consiste na pesquisa a um grupo, observando sua experiência humana religiosa vivida, se inserindo no meio social, e realizando entrevistas com os membros *in loco*. Conversamos com o presidente do VDA para expor como seria o nosso trabalho, e o mesmo nos deu total apoio para desenvolvê-lo. Então fizemos algumas visitas aos cultos, fomos autorizados a fazer registros fotográficos dentre os quais selecionamos algumas fotos para expor neste trabalho. Conseguimos coletar seis entrevistas, a primeira foi com o próprio presidente do Vale, e as outras cinco com adeptos do local. Visando tornar o momento o mais natural possível e para que não houvesse nenhum receio por parte dos entrevistados quanto às informações coletadas, não lhes pedimos identificação nominal, apenas que respondessem aos temas abordados, pois como trataríamos questões sobre preconceito e intolerância inclusive sobre essa vivência no seio familiar dos mesmos, pensamos então que essa seria a melhor estratégia para extrair respostas mais profundas, então apresentaremos as entrevistas de forma enumerada.

Algumas questões principais nortearam nossa pesquisa. Tínhamos como objetivo saber como se deu a chegada do Vale em Santa Rita e quais foram os seus fundadores. Buscamos compreender o que mudou na vida das pessoas após a adesão ao Vale e qual a relevância social da religião para o meio onde ela está. Interessou-nos também saber se os adeptos já sofreram intolerância religiosa e o que os levaram a escolher o Vale. Como nos sugere a pesquisa de observação participante, buscamos interagir na medida do possível com os membros, para um resultado mais satisfatório.

3.1 A chegada na cidade e seus fundadores

Como já foi dito, em nossa pesquisa de campo realizamos algumas entrevistas com adeptos do Vale em Santa Rita, e nesse primeiro momento estaremos destacando a primeira entrevista que realizamos que foi com o seu presidente e consolidador da religião na cidade, e apenas essa entrevista será identificada nominalmente pelo fato do mesmo ser uma figura pública e de grande relevância para a religião, as demais entrevistas serão apenas enumeradas.

A chegada do Vale do Amanhecer na Paraíba se deu na cidade de Santa Rita, informação que coletamos na pesquisa de campo com o seu presidente. Ele nos relatou que o trabalho era localizado no bairro do Açude, com instalações muito simples, porém esse trabalho não demorou por muito tempo, pois um acidente pôs fim às esperanças de consolidação da religião. Seus membros fundadores eram vindos de Recife, e logo decidiram por mudar de lugar, indo então para a cidade vizinha Bayeux, se instalaram no bairro Mário Andrezza, fundando oficialmente o primeiro templo, o principal do estado, e dele surgiram vários outros na Paraíba. Hoje o Vale está presente em cidades como: João Pessoa, Bayeux, Cabedelo, Conde, Baía da Traição, Lucena, Juripiranga, Patos, Campina Grande, Alhandra, Itaporanga, Santa Rita, e outras cidades, segundo o site oficial do Vale do Amanhecer. A seguir vemos a foto das instalações atuais do Vale do Amanhecer na cidade de Santa Rita:



Ilustração 02

Templo do Vale do Amanhecer na cidade de Santa Rita/PB
Acervo próprio – Fotografia autorizada pelo líder da religião

Passando quase 20 anos depois do fato que citamos, o incidente que pôs fim à tentativa inicial da fundação do Vale na cidade, no ano de 2008 o Vale do Amanhecer recomeça sua história em Santa Rita, tendo à frente como seu presidente Selmo Rocha que permanece na função até esta data de nossa pesquisa. Dessa vez o bairro em que se instalaram foi o Heitel Santiago, inicialmente em uma casa alugada, e depois no endereço em que estão hoje, na Rua Sn 94, nº 194, como vemos na foto acima. A seguir podemos conferir mais detalhes dessa história através da transcrição da entrevista feita com o presidente:

O primeiro Vale do Amanhecer da Paraíba foi fundado em Santa Rita, ali próximo ao açude, em meados de 90, o pessoal veio de Recife querendo colocar um templo aqui, em Recife ele é mais antigo, então veio o pessoal lá, veio o presidente e tal, arrumou um terreno, o terreno foi doado, e colocaram, fizeram uma palhocinha de palha de coqueiro, e fizeram um templo ali, com o passar do tempo colocaram fogo, ou colocaram ou pegou fogo ninguém sabe até hoje. Aí arrumaram outro terreno aquele em Bayeux e construíram tudo que tem lá, de lá foi ramificando, mas Santa Rita mesmo foi fundado nos anos 90, hoje o de Tibiri, que é considerado o de Santa Rita a gente começou aqui na entrada do Heitel numa casinha alugada em 2008, passamos lá um ano e meio e quando a gente tava lá a gente conseguiu esse terreno aqui, esse terreno foi doado, enquanto a gente tava lá a gente foi construindo aqui devagarzinho, quando a gente levantou e cobriu a gente veio embora pra cá, a gente tá aqui desde de novembro de 2009. Aí no caso o fundador quando reabriu em Santa Rita fui eu. Hoje no Vale de Santa Rita tem em torno de 60 mestres (ROCHA, 2016).

Como já dissemos o presidente fundador/consolidador do Vale do Amanhecer em Santa Rita neste segundo momento é Selmo Rocha, tem 42 anos de idade, é casado com Maria Cleonice Rocha mais conhecida como Kel, e pai de um filho, brasileiro, natural de Santa Rita- PB. Quando tinha seis anos de idade seus pais se separaram e ele foi criado pela sua mãe, teve uma vida difícil, precisou abrir mão de se dedicar aos estudos, tendo que trabalhar desde cedo para ajudar a sua mãe a ter o que comer.

Em sua trajetória de vida religiosa, Selmo participou de várias religiões, boa parte de sua vida, na infância e adolescência, frequentava as missas. Ele conta que não chegou a fazer catecismo, mas considerava-se católico, depois ele participou por pouco tempo, quando jovem, de uma igreja evangélica pentecostal, a Igreja Assembleia de Deus Madureira. Como não se encaixava na igreja, ansiava por algo que nem sabia o que poderia ser e logo mais conheceu o Kardecismo do qual participou por cinco anos.

Em um determinado momento de sua vida, Selmo foi acometido por uma doença que os médicos não sabiam qual a sua origem nem diagnosticar ao certo do que se tratava, pois ele mesmo depois de ter feito todos os exames requisitados, os resultados eram sempre normais, e mesmo assim, ele continuava com a doença, chegou a perder vinte e dois quilos em dois meses, então desesperado e achando que iria morrer, recebeu um convite para conhecer o Vale do Amanhecer e disseram-lhe que o seu problema era espiritual. Na época ele não sabia nada sobre o Vale, mas diante da situação que enfrentava decidiu ir, ele conta que:

“Eu não sabia do que se tratava e eu tava tão desesperado que eu disse vou me embora, aí me ensinaram onde eram e eu fui, quando eu cheguei no Vale do Amanhecer, tudo isso que vocês estão vendo aqui foi o que eu me deparei entendeu? Imagens que eu não conhecia... é... roupas que eu não conhecia, então foi um pouco estranho pra mim... lá em Bayeux...” (ROCHA, 2016)



Ilustração 03
Foto do interior do Templo do VDA em Santa Rita/PB
Acervo próprio – Fotografia autorizada pelo líder da religião

Mesmo com o estranhamento com tudo o que viu, ele ficou tranquilizado, pois pelo fato de haver várias frases que reproduziam textos da Bíblia e de ter visto a imagem de Jesus, então achou que estava em bom lugar, houve um reconhecimento com algo que já lhe era familiar de outras religiosidades já por ele vivenciadas, e uma vez também que era aquele o lugar que iria trazer a sua cura, e que ali não se fazia cobrança

financeira pelo fato da obtenção da cura para as pessoas. Em poucas visitas, já pôde constatar que havia sido curado:

A primeira coisa que me chamou atenção foi porque num pagava nada, porque hoje em dia todo mundo quer tirar dinheiro seu, seja do que for, então foi a primeira coisa, vou pagar nada não? Vai pagar nada! Aí eu vi o pessoal 'louvado seja Jesus Cristo em nome de Deus pai todo poderoso' todo mundo falava de Deus ali entendeu? E a foto dele ali, a imagem dele ali, eu disse pronto, na casa de Deus eu tô, né?! Fui pra um atendimento, no atendimento a entidade me mandou passar nos trabalhos dentro da casa, cara na quarta vez que eu passei eu já tava bonzinho! A quarta vez, eu acho que eu fui quatro sábados seguidos, tava bonzinho, eu disse meu Deus tô ótimo! (ROCHA, 2016).



Ilustração 04
Foto do interior do Templo do VDA em Santa Rita/PB
Acervo próprio – Fotografia autorizada pelo líder da religião

Na imagem acima vemos a foto de Jesus e a cruz, elementos que são comuns à religiosidade cristã e que estão presentes no VDA, os quais trouxeram a sensação de segurança que pudemos constatar no relato do entrevistado. Depois que foi curado, ele continuou a frequentar os trabalhos e a receber conselhos das entidades, foi quando recebeu o convite pela própria entidade para retribuir o que ele havia ganhado de graça, e então ele aceitou. Essa é uma questão importante para ser destacada, a forma como

acontece a economia (finanças) no Vale do Amanhecer é um forte atrativo, pois como vimos no texto do IPHAN, eles fazem questão de salientar que jamais um atendimento espiritual será cobrado, pela dádiva concebida eles não pedem nada em troca, e todas as necessidades do templo são supridas pelo corpo mediúnico e por doações. Também arrecadam recursos através de lanchonetes e lojas situadas em suas dependências (IPHAN, 2010, p.88). Essa questão é muito importante para os adeptos como pudemos constatar na continuação da fala do nosso entrevistado:

“Eu disse sim porque quando eu cheguei no Vale do Amanhecer eu me encontrei, porque assim... tudo o que eu passei, todas as igrejas que eu passei, nunca vi o que eu vi no Vale do Amanhecer, um pessoal disposto a ajudar sem querer nada em troca, você tá entendendo? Então isso me chamou muito atenção. E lidar com espírito de luz, conversar com espírito de luz, que ele tá ali pra te aconselhar, e não pra te dizer o que tu tem que fazer, aquilo ali foi muito bacana, eu disse eu quero...” (ROCHA, 2016).

Em pouco tempo, cerca de três anos, Selmo se tornou presidente, ele conta que teve um desenvolvimento espiritual rápido, junto com sua esposa. Isso se deve a sua herança transcendental, ele nos explicou que em vidas passadas sempre esteve à frente de algo, seja um fazendeiro, general de tropa, sempre estava a conduzir o povo. Então foi assim que após poucos anos dentro da doutrina do Vale do Amanhecer que Selmo se tornou presidente do Vale do Amanhecer em Santa Rita.

E para finalizar a nossa entrevista conversamos também sobre duas questões importantes que geralmente são recorrentes em grupos que representam minorias, como é o caso das Novas Expressões Religiosas, que é a questão do preconceito religioso e da violência contra a religião ou seu local de culto, e obtivemos as respostas:

“Sofri preconceito tanto de familiares como de amigos... inclusive da minha mãe, quando eu conheci o Vale ela era evangélica então pra ela foi uma barreira e hoje ela está aqui. Quando se pergunta qual é a sua religião e você diz que é espírita, a pessoa já pensa que você é macumbeiro, e chama você com essas palavras que se usa né, e não tem o conhecimento, não sabe do que se trata né, então a gente simplesmente ignora né porque eu não vou tá discutindo sobre religião com ninguém, eu só não permito que me ofenda ou me agrida, porque isso é crime, né... quando eu trabalhava na empresa de vigilância o pessoal nunca me disse diretamente mas eu sempre escutava um sussurro aqui outro sussurro ali entendeu, ‘olha ali pai fulano de tal’, me chamavam de ‘pai’ que denomina pai de santo, ai eu sempre levei na boa sabe porque? Porque assim, o bom é quando você sabe o que você tá fazendo, e as pessoas são leigas nisso aí, pra mim o que conta é Deus. Eu nunca quis esconder a minha religião por causa de preconceito, eu tenho uma tatuagem e muitas pessoas perguntam

quem é? e eu digo é o meu mentor. E fica aquela pergunta: mentor de que? De onde? Aí conforme vai perguntando eu vou respondendo. Sobre violência a sede nunca sofreu nenhuma violência física, nem de vizinho nem de ninguém de fora. Nesses seis anos nenhuma violência, nem pichação ou atirar pedras, nem furtos, até porque aqui não tem nada para se roubar, não tem nada de valor, não tem nada que chame atenção ao contrário de outros templos onde se tem objetos de ouro ou equipamentos eletrônicos, aqui não tem nada disso. Uma vez aconteceu um cara passou aqui e parou num carro, e desceu e ele estava embriagado, e eu disse: pois não senhor? E ele disse: Você acha que você tá certo? E eu repeti a pergunta pra ele: o senhor acha que o senhor tá certo? Ai ele coçou a cabeça, olhou, botou a mão no bolso, entrou no carro e saiu, até hoje. Existe uma igreja pentecostal nessa mesma rua e a gente não tem relacionamento nenhum, eles sabem que a gente tá aqui e a gente sabe que eles são lá, eles fazem o papel deles e a gente faz o nosso, sem problema nenhum. Mas uma vez há uns três anos atrás desceu uma equipe acho que devia ter umas quinze pessoas aí chegaram aqui na esquina e começaram a fazer umas orações ali, fazendo um negócio ali, mas... a gente não tá nem aí tu acredita? A gente olha assim parece que num tá vendo nada... eu tenho certeza que eles tavam fazendo alguma coisa assim relacionado a nós entendeu, achando que... que aqui era alguma coisa de... mas a gente não tá nem aí... não tamo nem aí. Isso de maneira nenhuma agride a gente não entendeu, que a gente é muito da paz, tranquilo em relação a isso, tudo só acontece da vontade de Deus entendeu? A partir do momento que eles chegarem aqui e entrar aí é outra coisa, querer bagunçar aqui dentro aí é outra coisa, mas enquanto ele tiver lá fora num tem problema nenhum não”. (ROCHA, 2016).

Notamos que no discurso acima é destacada a questão sobre a falta de conhecimento do VDA como condutora a um julgamento errôneo sobre a religião por parte da maioria das pessoas, como ressalta o entrevistado, quando as pessoas próximas a ele tomaram conhecimento de sua nova religião logo associam a ‘macumba’ como ele relata, sempre usando o termo com um ar pejorativo.

Outra questão que podemos comentar é sobre o comportamento das pessoas da religião pentecostal que estiveram nas proximidades do Vale com uma atitude de intolerância, pois como foi citado eles estavam numa tentativa de combate usando as forças espirituais deles segundo as suas próprias crenças e percepções, deixando clara a perspectiva demonizante que eles tem em relação ao Vale por lhes parecer apresentar características que fazem parte das religiosidades que são por eles combatidas, características essas que são resultantes do processo de hibridação pelo qual o Vale do Amanheceu passou em sua formação.

3.2 Relevância e perspectivas na comunidade local

Os trabalhos que são desenvolvidos no Vale do Amanhecer têm como objetivo principal a relevância espiritual, que na prática acontece no atendimento aos pacientes, com finalidade de trazer a cura de doenças espirituais e físicas, resolução de problemas familiares, aconselhamento pelas entidades e cura desobessiva.

Na pesquisa de campo realizada pudemos verificar estes fatos nas entrevistas feitas com alguns membros do Vale do Amanhecer, quando perguntados sobre o que os levou a buscar e o que mudou na vida deles depois que começaram a fazer parte do Vale, também pedimos para discorrerem um pouco sobre a questão do preconceito religioso vivenciado por eles. Vamos conferir nas falas extraídas das respostas nas transcrições a seguir.

A seguir destacaremos a primeira entrevista dentre os adeptos, nesta fala reproduziremos o discurso de uma adepta de vinte e cinco anos, residente no bairro Tibiri II (Vizinho ao bairro Heitel Santiago onde o VDA se localiza), ela possui nível médio referente a sua escolaridade, trabalha e tem renda mensal de um salário mínimo, apresentamos sua fala:

“Eu vim pra o Vale do Amanhecer mais pela dor, cheguei aqui pela dor, eu via coisas dentro de casa, meio que incorporava dentro de casa, e era meia perturbada, então eu conheci uma amiga que me trouxe até aqui, e aí eu fiquei participando como paciente e vi que era onde eu precisava ficar e tô até hoje, faz quatro anos. Graças a Deus tudo mudou na minha vida depois que eu vim pra cá, tipo... minha estabilidade familiar mudou porque minha mãe era meia... não sei... acho que ela tinha era medo, raiva, não sei, então tipo assim, eles tão vendo a minha melhora, então graças a Deus tudo tá mudando, eu tô conquistando as coisas que eu quero, antes era meio uma viravolta na minha vida e agora tá meio que estabilizando... Eu me sinto totalmente realizada exercendo a minha religião, bem fisicamente e espiritualmente, graças a Deus me sinto ótima. Sim já senti preconceito, da minha própria vó, porque ela é muito católica e eu acompanhava ela sempre né, na igreja tal, então assim, ela falava que aqui a gente dançava, rodava, fazia macumba, essas coisas... até hoje ela é meia com o pé atrás com o Vale, com o Vale do Amanhecer, mas assim, eu procuro conversar, procuro dialogar com ela e ela vai entender né, ela só não quer vir até aqui. Já senti preconceito de amigos também, fui chamada de macumbeira, que dança, que faz macumba. No trabalho eu tento evitar falar da minha religião porque eu sei que vai rolar um debate ali que acaba em discussão, não vai prestar”.

Percebemos que semelhantemente à entrevista com o presidente, que colocamos no início deste capítulo, esta adepta veio para o VDA motivada pela dor e sofrimento, e

lá encontrou a cura para as suas doenças espirituais. Também nos chama atenção mais uma vez o fato de que grande parte do preconceito em relação ao Vale e a discriminação sofrida pelas pessoas que frequentam não é pelo Vale do Amanhecer em si mas porque ele é confundido com as religiões afro-brasileiras, reforçando a estigmatização sofrida pelas religiões de matrizes africanas.

Na segunda entrevista com os adeptos, que transcreveremos adiante, trata-se de um jovem de dezessete anos que reside também no bairro de Tibiri II, quanto a sua escolaridade ele cursa o primeiro ano do ensino médio, já trabalha e sua renda mensal é inferior a um salário mínimo. Diferentemente dos relatos já observados este adepto não foi ao Vale do Amanhecer em busca de resolução de conflitos pessoais, muito embora ele constate que houve uma mudança considerável em sua vida após o pertencimento à doutrina:

“Passei a vir pra o Vale porque a minha mãe e o meu pai eles são daqui, eles entraram aqui e no início eles diziam vem, vamos, aí inicialmente eu nunca me interessei assim de vir... não vou não, vou não, só vou num dia quando Deus tocar no meu coração eu venho, aí foi tanto que chegou determinado tempo, foi o que? cinco anos depois que minha mãe entrou, aí eu disse vou lá pra conhecer, ver como é, aí cheguei aqui conheci, comecei a procurar saber algumas coisas relacionadas a doutrina e acabei gostando. O que mudou na minha vida foi o conhecimento, a forma de lidar com as pessoas, o modo de enxergar a vida, tudo é... tudo tem uma diferença depois que a gente entra aqui, que começa a conhecer as coisas, saber como são, é outra percepção de vida. Me sinto bem exercendo a minha religião, é gratificante porque as vezes chega assim pessoas doentes, aí passa por aqui e sai com outro aspecto entendeu, é muito gratificante. Me sinto realizado por estar ajudando outra pessoa. Já senti preconceito de amigos, e de muita gente... todo mundo pensa assim, critica, diz ‘ah, é macumba, ah...’ . já senti preconceito de familiares também, avós... minha avó mesmo queria que eu fosse coroinha... minha avó é católica roxa... ela pergunta porque eu tô no Vale, eu digo tá vó! Ouxi! É melhor tá lá do que tá fazendo o que num presta pelo meio do mundo! Por isso que a gente do Vale não se expõe, eu evito falar que sou do Vale porque às vezes a gente chegar e falar que frequenta um centro espírita, o povo vai olhar pra você e dizer ‘ouxi, é macumbeiro!’ é a primeira impressão, às vezes até para de falar com a pessoa”

Vemos nesta fala novamente a questão que comentamos anteriormente sobre a intolerância religiosa e a confusão que as pessoas fazem por desconhecerem a religião, então reproduzem o preconceito que elas possuem em relação as religiões de matriz africana. E vale ressaltar ainda que o entrevistado parece buscar amenizar a reação das pessoas dizendo fazer parte de um centro espírita, o que também não resolve muito, uma

vez que espiritismo é associado a macumba! Então como ele mesmo relata prefere não se expor e evitar falar sobre sua pertença religiosa.

A terceira pessoa com a qual conversamos é uma jovem de dezoito anos que reside no bairro onde o VDA está localizado, Heitel Santiago, possui o ensino médio completo, trabalha e recebe um salário mínimo e mais comissões, chegou ao Vale após a perda de seu pai, ela estava afundando em uma tristeza, e isso estava impedindo que sua vida seguisse, pois apenas queria estar recolhida chorando sua morte:

“Eu chorava muito por causa do meu pai e eu só vivia triste, ai depois que eu entrei no Vale do Amanhecer que eu fui conhecendo essas coisas aí fui parei de ficar, eu só vivia trancada no quarto, eu não saía de dentro de casa pra nada, aí depois disso eu comecei a sair. O que eu passei antes foi tipo uma depressão, porque assim que meu pai morreu eu tinha uns doze anos, aí foi quando eu vim aqui no vale, e eu não saía de casa, eu ia pra escola e voltava e ficava trancada no quarto, eu ficava dentro de casa assim... e não fazia mais nada, ai depois que eu vim pro Vale eu fiquei melhor, não choro mais, que eu só vivia dia e noite chorando por conta dele, eu fui entendendo um pouco como é as coisas. Eu me sinto bem, ótima, gosto muito, me sinto realizada com certeza, mudou muita coisa, me encontrei aqui e não saio daqui por nada. Sobre preconceito de amigos... alguns, e minha família assim não tem preconceito, mas não gosta daqui, não vem, mas fora isso eles não ligam não de eu vir, eles já disseram que era macumba essas coisas, minha irmã disse que era macumba, eu até trouxe uma pra cá ela e o marido dela, só que depois ela teve bebê ai ela não veio mais. A minha irmã era da igreja evangélica, ai ela veio pra cá e ela gostou, ela até ia entrar no vale só que o marido dela saiu ai ela pegou e saiu também aí ela tá na igreja agora”.

Nesta fala podemos constatar que a adepta passou pela cura no Vale do Amanhecer, uma cura espiritual e emocional, ela aprendeu a lidar com a perda do seu ente querido e conseguiu retomar o desenvolvimento natural de sua vida. Sobre sua vivência com o preconceito percebemos a princípio que não houve tanto estranhamento, pois como ela relata até uma irmã dela já foi por vezes ao Vale com ela, porém ela se contradiz um pouco quando diz que a família não tem preconceito e logo em seguida diz que eles já disseram que é macumba, mais uma vez a situação de desconhecimento e confusão de identidades religiosas aparece nos relatos dos adeptos.

Não é por ser influenciada pela família ou porque foi levada por um amigo, que uma pessoa faz parte de uma religião, mas sim, pela transformação que esta provoca na vida da pessoa, como nos conta a quarta pessoa que entrevistamos, mesmo sua família motivando-a a fazer parte do Vale ela nos diz que houveram mudanças em sua vida:

“O que me motivou a vir pra o Vale foi meu pai e meu esposo... e eu sabia que se eles entrassem ia mudar a vida deles, porque meu pai era alcoólatra, e então ia mudar a minha vida também, eu ia poder ter tranquilidade, ter paz dentro de casa, aí eu entrei justamente pelo amor, assim pelo amor a ele, aí assim minha mãe ainda passou três meses pra poder entrar, até então a minha mãe ainda não queria, aí depois entrou por conta dele também. Depois que eu entrei muita coisa mudou, a paz, a harmonia principalmente, até a minha caminhada muitas vezes, muitas coisas davam errado, e procurava saber porque as coisas dava errado e não conseguia, e assim depois que eu entrei na doutrina as coisas começou a dar certo na minha vida, tipo um emprego eu consegui que eu nunca conseguia, ter minha casa própria também que eu nunca conseguia, e consegui. Me sinto bem exercendo a minha religião e feliz, tenho amor pela minha religião, sinto que me encontrei aqui, estou aqui há dois anos. Já senti preconceito familiar logo no começo, na casa da minha tia eles diziam que era macumba que a gente participava de macumba e que nunca viriam aqui porque não iriam precisar então assim, ignorava muito a gente até então eles precisarem, eles chegarem, não veio nesse aqui mas veio no mutirão em Bayeux, eles discriminaram muito a gente antes. Da parte de amigos não nenhum discriminou, até porque então a maioria dos meus amigos são tudo do vale do amanhecer. No meu local de trabalho também não nenhum discriminou, entenderam, e não tento esconder minha religião, a maioria não quer falar por vergonha ou por medo, mas eu não tenho não, me perguntam eu falo a minha religião é o vale do amanhecer, antes eu trabalhava num posto e todo mundo sabia, agora eu trabalho com meu sogro e toda a família é do vale do amanhecer.”

Essa entrevista que acabamos de relatar é de uma adepta do VDA que também reside no bairro Heitel Santiago, tem vinte e cinco anos, possui o ensino médio completo e sua renda mensal é de um salário mínimo. Essa entrevistada sofreu muito preconceito por parte de seus familiares, como vemos no relato acima, até que um dia a situação mudou e a família teve a oportunidade de conhecer realmente o Vale e houve então a desmistificação da religião e o relacionamento familiar voltou à normalidade. Outro ponto de destaque é a postura firme dessa entrevistada ao relatar que não esconde e nunca escondeu sua pertença religiosa nem aos amigos, nem no local de trabalho, ela reconhece que a maior parte dos adeptos escondem o fato de pertencerem ao Vale, mas ela enfrenta e assume pois não tem vergonha ou medo.

A quinta pessoa com quem conversamos é do sexo feminino, tem quarenta e dois anos, reside no bairro Heitel Santiago, possui o ensino médio completo, e sua renda mensal é variável devido ao fato de ser empresária. Nossa entrevistada tinha duas pessoas em sua família que precisavam passar pelo processo de cura e tratamento, e foi no Vale que encontraram a cura, ela então passou a fazer parte também:

“Vim pra o Vale através de uma doença da minha mãe... eu via que a doença não era normal porque ela mudou de comportamento, ela falava vozes estranha, ela andava pra um lado e pra outro, ela era agressiva e como eu já tinha participado da kardecista eu sabia mais ou menos assim e acreditava muito, porque eu escutava vozes eu via vultos dentro de casa e num era ninguém, vozes eu escuto até hoje... só que eu casei meu marido não gostava e tal, então eu tive que deixar pra lá... meu marido também ficou muito doente, e eu conheci o Vale do Amanhecer e me identifiquei até hoje, dez anos que eu estou... é aqui eu consigo resolver os meus problemas físicos, pessoais, espirituais... aqui me faz entender o porquê de eu estar nesse mundo, o porquê de eu ter que ajudar o próximo, o porquê de eu não recusar de forma alguma seja quem for de qualquer religião, aceitar as pessoas como ela é independente de qualquer coisa mas ajuda-las a mudar. O que mudou na minha foi... não ingerir bebida alcoólica, porque eu bebia, eu entrei nas outras religiões mas eu sentia vontade de beber eu tinha vontade de tomar cerveja eu tinha vontade de tomar uísque que eu gostava muito e essa ela me proibiu...e eu não sinto vontade e nunca senti, nunca senti vontade depois que estou aqui. Mudou meu casamento melhorou muito porque meu marido deixou de mentir...o relacionamento da gente é como se a gente todo dia tivesse se casado, essa doutrina mexeu muito com o meu casamento porque meu marido era evangélico mas me traía, meu marido era católico mas me traía, e essa daqui ele não pode, não pode de forma alguma porque essa doutrina ela requer muito conduta da pessoa, se você não tiver conduta você se tora e todo mundo vê, então isso que me deixou também em paz né, porque a gente tem um casamento sólido, a gente quer ser amigo quer ser companheiro né, a traição eu não aceito, então eu acho que isso foi bom mudou a minha vida. Já senti muito preconceito, quando eu entrei no Vale minha família me discriminou ficaram até sem falar comigo porque achava que aqui era umbanda, porque achava que era coisa do mal, coisa do demônio, e pra você ver esse vale do amanhecer eu nunca vi pronunciar a palavra demônio nem diabo dentro do vale nem fora... então eu conversei com Deus e pedi que Ele me mostrasse se realmente era coisa do mal e que se fosse coisa do mal Ele me tirasse e Ele me mostrou que era uma coisa do bem e eu estou até hoje. Mas assim, como eu não dou importância ao que as pessoas falam, eu não dou muita importância para críticas, eu não dou e a minha família ficou sem falar comigo e pra mim... eu não tava nem aí, eu to seguindo aquilo que eu gosto e que se eles me amar eles vão vir me buscar depois, e ainda tem hoje pessoas, eu tenho clientes que quando descobre que eu sou espírita se afastam, aí depois, eu tenho provas, depois me procuram me pedindo ajuda, me pedindo pra fazer uma prece, me pedindo pra fazer alguma coisa, me pedindo pra vir aqui como muitos evangélicos passam por dificuldade e vem escondido, até assim eles botam outras roupas, disfarçados que é pra ninguém perceber e quando me vê lá fora me cumprimenta me chamam de irmã, perguntam como é que tá aqui, eu digo tá tudo bem, e ele diz nesses dias apareço lá que eu tenho um negocim pra resolver..., e pessoas fiel de dentro da igreja mesmo, coladinho com o pastor, mas aí eu digo, pra você ver como é as coisas, a provação em toda religião tem né, toda ela tem né.”

Podemos destacar muitas coisas a partir dos relatos acima, a começar pela motivação para a adesão à religião que foi a necessidade de cura para duas pessoas da família dela a princípio, e depois para entender processos que ocorriam com ela mesma, e daí então houve uma mudança maior em sua perspectiva de vida e a descoberta do sentido de sua vida e missão.

Dentre as mudanças vividas por ela podemos destacar a questão da infidelidade conjugal, e no contraponto que a entrevistada faz sobre isso em relação às outras religiões quando afirma que quando o esposo praticava de outras religiões ainda assim praticava a infidelidade conjugal, o que era inadmissível para ela, e agora no VDA ela testemunha que isso não ocorre mais em seu relacionamento como também ela constata uma grande mudança de comportamento dele, passando a não mais mentir e sendo verdadeiramente um bom companheiro para ela.

Em relação a sua experiência com situações de preconceito podemos observar um rompimento familiar quando ela nos relata que a família ficou sem falar mais com ela, e também se repete a associação do Vale às religiões de matriz africana na percepção dos seus familiares, e pelo seu discurso supomos que esse rompimento perdura até o presente momento. Isso gerou nela uma atitude de ‘prova’ da religião quando ela nos conta que pediu um sinal para saber se aquela prática religiosa era do bem, assim ela passou a exercer a sua religiosidade em paz, ao ter a confirmação que esperava. Também passou por essa experiência em sua vida profissional, ao nos relatar sobre o estranhamento por parte de alguns clientes que deixaram de contratar seus serviços depois de tomarem conhecimento de sua pertença religiosa.

Outro ponto interessante é o fato de algumas pessoas até mesmo que antes tinham agido de forma preconceituosa com ela, depois num segundo momento de necessidade a procuraram para pedir-lhe socorro, mesmo sendo pessoas influentes em suas religiões e continuando em suas práticas, passam a ter atitudes de dupla pertença religiosa e ocultam essa atitude para os outros.

Por fim iremos completar o quadro de entrevistas destacando relatos da fala do presidente do Vale em Santa Rita, quando ele nos diz da grande relevância que o VDA tem para a comunidade local, uma vez que ela traz a melhoria espiritual das pessoas. Segundo ele, as pessoas que vivem ao redor do Vale recebem o benefício da casa, mesmo sem saberem. Ele nos diz “Quando a gente tá fazendo um trabalho mediúnico existe uma mentalização, então você pode mentalizar você, sua família, vizinhança... todos esses recebem benefícios espirituais.” (ROCHA, 2016).

Seu projeto para o futuro é a ampliação do templo para atender um maior número de pessoas do bairro, e até de cidades vizinhas, e também construir um novo templo num outro bairro da cidade para atender a mais uma localidade, tendo sempre como objetivo abrir templos em bairros carentes, pois para ele nessas localidades carentes são onde as pessoas precisam mais. No VDA de Santa Rita pelo que pudemos coletar a única ação que é desenvolvida como obra social é a que é realizada no dia das crianças, onde eles organizam uma festa com distribuição de brinquedos, porém sem a finalidade de trazer as pessoas para o vale, segundo ele (o líder religioso) nem mesmo nesse momento eles fazem nenhum tipo de proselitismo ou pregação. Como nos conta:

“No dia das crianças a gente faz uma festinha aqui e convida todas as crianças do bairro, aí distribui presentes, faz brincadeiras, isso é voltado para a comunidade, mas não tem um trabalho de evangelismo ali. Também não distribuimos sopa nem cesta básica para ninguém achar que fazemos isso para você vir pra cá.” (ROCHA, 2016).

Com as visitas ao VDA em Santa Rita conseguimos coletar as informações que acabamos de expor nas falas citadas acima, as histórias são em sua maioria bem parecidas, as pessoas chegaram ao Vale movidas por uma necessidade urgente, o que de certo modo confirma aquela imagem do Vale como um “verdadeiro pronto socorro espiritual”. Sentiram por parte de amigos e familiares certo preconceito religioso, estão satisfeitas no desempenho de suas atividades religiosas, estão de braços abertos para receber todas as pessoas e gostariam que as pessoas compreendessem sua religiosidade de forma mais positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto inicialmente acerca da problematização dos termos ‘novos movimentos’, ‘novas expressões’, e sobre o conceito de religiões híbridas, observamos as constatações dos autores utilizados e procuramos destacar o que melhor se enquadrou em nosso estudo sobre o Vale do Amanhecer. Compreendemos que a proposta do uso do termo ‘expressões’ seria a mais adequada para traduzir este novo fenômeno religioso, como também percebemos que a visão mais correta para fazermos uma leitura sobre a emergência dessas novas religiosidades seria entendê-las a partir de um processo de hibridação.

Tratada a problematização dos conceitos e de como fazer uma melhor leitura sobre o Vale do Amanhecer, fizemos o percurso histórico contando como se deu o seu surgimento e doutrina, e destacando as principais figuras: o mentor espiritual da religião Pai Seta Branca, Tia Neiva e Mário Sassi. Procuramos entender também nesse momento como se desenvolve o cenário místico da religião visto que ela se classifica dentro das religiões New Age, no entanto com um diferencial, pois ela apresenta novos traços que fazem emergir uma nova classificação que é a New Age popular, tornando o Vale do Amanhecer uma nova expressão religiosa com muitos diferenciais. Sabendo disso conseguimos o aporte teórico necessário para poder viabilizar a realização de nossa pesquisa de campo.

Partimos para a pesquisa de campo a fim de analisar *in loco* a relevância do Vale junto a comunidade local em Santa Rita. Conseguimos sim verificar que o objetivo proposto pela religião, que é o de relevância espiritual, está sendo alcançado, o Vale presta um serviço gratuito de ajuda às pessoas e seus adeptos consideram o Vale do Amanhecer como um “pronto-socorro”. Em nossas visitas observamos o atendimento às pessoas que o buscam para a solução de seus conflitos familiares, para trazer a cura espiritual e a cura desobessiva, o que traz um alívio para a vida dessas pessoas, e através da mudança espiritual acontecem as outras mudanças: emocional, física, material. Verificamos que foi com a satisfação espiritual que as pessoas puderam enfrentar seus problemas e conseguiram o que tanto esperavam, como coletado em entrevistas, vimos pessoas que conseguiram a cura física, a cura espiritual, a cura de problemas psicossomáticos (como a depressão), a aquisição de sua casa própria, um trabalho, e sobretudo um bom convívio familiar.

Constatamos ainda através das falas que o preconceito religioso vivenciado por seus adeptos se deve principalmente ao fato das pessoas de fora da doutrina fazerem uma leitura do Vale como sendo uma religião com elementos de matriz africana o que retoma o estranhamento já existente e reproduz o preconceito que se tem com estas, percebemos claramente a intolerância que todos apresentaram às religiões afro-brasileiras.

Para expandir essa relevância espiritual, que na visão da religião é a mais importante e dela derivam as demais coisas, o Vale do Amanhecer tem um projeto de expansão através da abertura de novos templos em locais carentes da cidade, visto que Santa Rita possui uma grande extensão territorial, então eles tem como objetivo continuar fazendo o bem alcançando outras localidades, tanto para a sua evolução espiritual como para prestar ajuda às pessoas na sua evolução e melhor qualidade de vida através da satisfação espiritual.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta. **Religiosidade popular:** problemas e História. In: LIMA, Lana Lage et al. *História e religião:* VIII Encontro regional de história núcleo RJ. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo:** um estudo sobre a religião popular. Uberlândia: EDUFU, 2007.

CANCLINI, N.G. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade/Néstor Garcia Canclini; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. -4. Ed. 7. Reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015 – (Ensaio Latino-americanos, I)

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

IBGE. **Censo Demográfico 2010** - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_xls.shtm>. Acesso em 17 mai.2016.

IBGE. **Cidades.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251370&search=paraiba|santa-rita>>. Acesso em 15 mai.2016.

FERNANDES, Rubem César. **“Religiões Populares”:** uma Visão Parcial da Literatura Recente. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*, Rio de Janeiro, n.18, p.3-26,1984.

GALINKIN, Ana Lúcia. **A cura no Vale do Amanhecer.** Brasília: TechnoPolitik, 2008.

GUERRIERO, Silas. **Os Novos Movimentos Religiosos.** O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **Os novos movimentos religiosos no Brasil:** junções e disjunções. In: QUEIROZ,J.J.; GUEDES, M.L.; QUINTILIANO, A.M.L.. (Org.). *Religião, modernidade e pós-modernidade. Interfaces, novos discursos e linguagens.* 1ed. Aparecida/SP: Ideias e Letras, 2012, v. , p. 117-131.

MAFRA, Clara. **Números e Narrativas.** Debates do NER, Porto Alegre, n. 24, 2013a.

MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de. **Um caso de sincretismo afro-cristão kardecista-umbandista-new age:** As casas filiais do Vale do Amanhecer, no Nordeste brasileiro. In: *XXI Reunião brasileira de antropologia.* Vitória: Reunião brasileira de Antropologia,1998.

OLIVEIRA, Amurabi. **Nova Era à brasileira:** A New Age Popular do Vale do Amanhecer. *Interações: Cultura e Comunidade (Faculdade Católica de Uberlândia. Impresso)*, v. 4, p. 31-50, 2009.

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO DISTRITO FEDERAL. **Vale do Amanhecer**. Inventário Nacional de Referências Culturais. Deis Siqueira, Marcelo Reis, Jayro Zelaya Leite; Rodrigo M. Ramassote. Brasília- DF: Superintendência do Iphan no DF, 2010.

TEIXEIRA, F. L. C.. **Os dados sobre religiões no Brasil em debate**. Debates do NER, v. 14, p. 77-84, 2013.

Fontes orais

ROCHA, Selmo. Entrevista concedida em 12 de maio de 2016. Santa Rita- PB.